

1. CARTA DO REITOR-MOR

“TESTEMUNHAS DA RADICALIDADE EVANGÉLICA”

Chamados a viver na fidelidade o projeto apostólico de Dom Bosco: “Trabalho e temperança”

1. CONVOCAÇÃO DO CG27. 1.1. Os passos dados para determinar o tema. 1.2. Objetivo fundamental do tema. 1.3. Frutos esperados da realização do tema. 1.4. Outras tarefas. 2. VIDA E MISSÃO SALESIANA NO ATUAL CONTEXTO GLOBAL. 2.1. Desafios culturais. 2.2. Desafios eclesiais. 2.3. Desafios institucionais. 2.4. Desafios pessoais. 2.5. Os jovens como desafio. 3. RADICALIDADE EVANGÉLICA DA VIDA CONSAGRADA SALESIANA. 3.1. Radicalidade evangélica da vida consagrada. – A vocação (Const. 22 e 25; 97 e 98). – Experiência espiritual: discípulos de Cristo e investigadores de Deus. – Discípulos de Cristo (Const. 61-84). – Investigadores de Deus (Const. 85-95). – Vida fraterna: em comunidades fraternas (Const. 49-59). – Missão: enviados aos jovens (Const. 26-48). 3.2. Expressão salesiana da radicalidade evangélica: trabalho e temperança. – Trabalho e temperança. – Trabalho. – Temperança. 3.3. Condições para concretizar o tema. – Processos a iniciar. – Mentalidade a converter. – Estruturas a mudar. 4. CONCLUSÃO. 5. ORAÇÃO. Oração a São João Bosco.

Roma, 8 de abril de 2012
Solenidade da Páscoa da Ressurreição

Caríssimos irmãos,

acabamos de concluir a sessão plenária do Conselho Geral, em que refletimos sobre o tema e os objetivos do próximo Capítulo Geral. Antes ainda das Visitas de Conjunto, como Conselho, aprofundáramos os desafios que íamos encontrando na Congregação; as Visitas de Conjunto deram-nos novos elementos para compreender a situação. Agora, a escolha do tema do Capítulo Geral pretende ser justamente uma resposta

a esses desafios, com a finalidade de ajudar a Congregação a caminhar pelos caminhos que o Espírito nos indica em nosso contexto histórico.

1. CONVOCAÇÃO DO CG27

No dia em que celebramos a solenidade da Páscoa do Senhor, estou feliz por lhes escrever esta carta com que entendo **convocar o Capítulo Geral XXVII**, segundo a norma do artigo 150 das nossas Constituições.

Ele terá como tema: “**Testemunhas da radicalidade evangélica**”. Trata-se de um momento particularmente importante para nós, sendo o Capítulo “o sinal principal da unidade na diversidade da Congregação” (Const. 146). Teremos a possibilidade de reforçar esta unidade refletindo juntos sobre o modo de ser “fiéis ao Evangelho e ao carisma do Fundador, e sensíveis às necessidades dos tempos e lugares” (Const. 146). Entreguemo-nos desde já ao Espírito do Cristo Ressuscitado, para que nos ilumine e acompanhe, e a Maria Auxiliadora, para que seja nossa mestra e guia.

Convido-os a olhar para este evento como para uma etapa nova e prometedora na vida da Congregação que, desde o Concílio Vaticano II, realizou uma constante e profunda renovação espiritual e pastoral, para ser capaz de corresponder à vontade de Deus, para um melhor serviço à Igreja, em fidelidade dinâmica a Dom Bosco e às necessidades e expectativas dos jovens (cf. Const. 146).

O próximo Capítulo Geral será o 27º na história da nossa Sociedade. Ele será realizado em Roma, junto ao Salesianum, na Casa Geral. Terá início sábado, 22 de fevereiro de 2014, em Turim, berço do nosso carisma; lá iremos para respirar o ar de casa, encontrar o nosso pai Dom Bosco, beber nas fontes do carisma fundacional, como também fizemos no Capítulo Geral anterior. Inauguraremos a reunião capitular com a concelebração Eucarística na Basílica de Maria Auxiliadora e com a visita aos lugares das origens salesianas. Partiremos depois para Roma, sede do Capítulo. Nomeei como Regulador do CG27 padre Francesco Cereda, que a partir deste momento tem a responsabilidade de acompanhar a sua preparação e realização.

O tema escolhido refere-se ao testemunho da radicalidade evangélica, que encontra no lema “trabalho e temperança” (cf. Const. 18) uma explicitação do programa de vida e ação de Dom Bosco, expresso no “*da mihi animas cetera tolle*”. Este tema quer ajudar-nos a aprofundar a nossa identidade carismática, fazendo com que estejamos cientes do nosso chamado a viver em fidelidade o projeto apostólico de Dom Bosco. Recordado frequentemente nas Visitas de Conjunto, o tema pareceu, a mim e aos Conselheiros gerais, um elemento essencial da nossa espiritualidade; a radicalidade de vida representa, de fato, a energia interior de Dom Bosco, que sustentou sua operosidade incansável pela salvação dos jovens e permitiu o florescimento da Congregação.

O tema é vasto. Queremos, pois, focalizar a atenção do CG27 particularmente ao redor de quatro áreas temáticas: viver na graça de unidade e na alegria a vocação consagrada salesiana, que é dom de Deus e projeto pessoal de vida; fazer uma intensa experiência espiritual, assumindo o modo de ser e agir de Jesus obediente, pobre e casto, e sendo investigadores de Deus; construir a fraternidade nas nossas comunidades de vida e ação; dedicar-nos generosamente à missão, caminhando com os jovens para dar esperança ao mundo.

1.1. Os passos dados para determinar o tema

Para a escolha do tema do CG27, partimos da vida das Inspetorias. De fato, em preparação à Visita de Conjunto, as Inspetorias fizeram a revisão da assimilação do CG26 e apresentaram algumas perspectivas de futuro; e também individualizaram as maiores realizações dos últimos anos, os desafios mais importantes, os recursos para enfrentar o futuro, as dificuldades que estão encontrando.

As Visitas de Conjunto tornaram-se assim o primeiro passo de preparação ao CG27, porque nos fizeram conhecer o estado da Congregação na variedade de seus contextos: seus pontos de força e de fragilidade, as oportunidades e os desafios.

Recorrente e sentida, emergia a necessidade de viver a vida salesiana e a missão juvenil com maior dinamismo, credibilidade e fecundidade. Tudo isso remetia à urgência de retornar à radicalidade evangélica própria da nossa consagração apostólica e que encontra uma expressão salesiana típica no binômio tão caro a Dom Bosco

“trabalho e temperança”. Ao mesmo tempo, embora com inflexões diversas, surgiam outras áreas temáticas como a inculturação, as vocações, a formação, a renovação da nossa presença educativo-pastoral, o repensamento da pastoral juvenil, a comunicação social.

Ao final da sessão plenária do Conselho de junho-julho de 2011, cada Conselheiro já me entregara a sua proposta em vista do CG27. Também neste caso, o tema mais indicado, com motivações e confirmações diversas, referia-se à necessidade de garantir maior convicção à nossa identidade (“quem somos?”), à nossa ação (“o que fazemos?”), à nossa proposta educativo-pastoral (“o que oferecemos?”), aspectos estes que se referem à radicalidade no viver a vocação de consagrados apóstolos.

O processo para a escolha do tema foi concluído agora com a reflexão comum, que aconteceu na reunião extraordinária do Conselho Geral de 26 de março a 4 de abril passado. Ela nos levou à definição do tema indicado acima.

1.2. Objetivo fundamental do tema

O objetivo fundamental do CG27 é ajudar cada irmão e comunidade a viver em fidelidade o projeto apostólico de Dom Bosco; o CG27 pretende, ainda, em continuidade com o CG26, reforçar nossa identidade carismática. Este objetivo é apresentado explicitamente nos artigos iniciais das Constituições; de fato, nós salesianos somos chamados a “realizar numa forma específica de vida religiosa o projeto apostólico do Fundador” (Const. 2); e, nessa específica forma de vida, a “missão apostólica, comunidade fraterna e prática dos conselhos evangélicos são elementos inseparáveis da nossa consagração, vividos num único movimento de caridade para com Deus e para com os irmãos” (Const. 3).

Nossa *Ratio fundamentalis institutionis et studiorum*, ao apresentar “a identidade vocacional salesiana como princípio e fim da formação”, faz dela uma síntese evidenciando alguns traços fundamentais. Ela diz: “De Dom Bosco e do projeto constitucional salesiano emergem os elementos que definem o ‘estilo original de vida e de ação’ (Const. 10) que o Espírito Santo suscitou na Igreja, a ‘forma específica de vida religiosa’ (Const. 2) na qual ‘encontramos o caminho da nossa

santificação' (Const. 2)".¹ Esta vocação fundamenta nossa formação (cf. Const. 96).

Ainda, segundo a Ratio, caracterização fundamental da nossa vocação é ser um **"projeto de consagração apostólica"**, concretizado em cinco elementos que definem o perfil do salesiano como:

- educador e pastor dos jovens animado pela caridade pastoral (n. 30-32);
- membro responsável de uma comunidade (n. 33);
- testemunha da radicalidade evangélica (n. 34);
- animador de comunhão no espírito e missão de Dom Bosco (n. 35-36);
- inserido na Igreja, aberto à história e em diálogo com a realidade (n. 37).

Os recentes Capítulos Gerais – e não se trata obviamente de simples coincidência – desenvolveram esses diversos elementos, reconhecendo-os como fundamentais. De modo especial, o CG22 e o CG24 aprofundaram o "projeto de consagração apostólica": o primeiro mediante a redação do texto definitivo das nossas Constituições e Regulamentos; o segundo procurando "reforçar a identidade carismática ao redor de Dom Bosco e despertar o coração de cada irmão com a paixão do *'da mihi animas'*".² Entre estes dois Capítulos encontramos todos os outros elementos caracterizadores do projeto apostólico salesiano: o CG23 delineia a figura do salesiano como educador-pastor dos jovens; o CG24, como animador de comunhão no espírito e na missão de Dom Bosco; o CG25, como membro responsável de uma comunidade.

O último aspecto, "inserido na Igreja...", não é tanto um conteúdo específico, quanto o mesmo contexto em que o salesiano vive e trabalha. De resto, cada Capítulo Geral coloca-se e realiza-se no horizonte eclesial e cultural.

Desta simples análise emerge uma constatação: o único aspecto do perfil salesiano que não foi objeto de aprofundamento por um recente

¹ FSDB, n. 26.

² P. CHÁVEZ, "Da mihi animas, cetera tolle". ACG 394. Roma, 2006, p. 6.

Capítulo Geral é o terceiro: “testemunha da radicalidade evangélica”. No passado, a radicalidade referia-se prevalentemente aos conselhos evangélicos de obediência, pobreza e castidade; hoje, a teologia da vida consagrada evidencia que ela é um chamado e não uma opção voluntarista; tem seu fundamento em Deus e o enraizamento no Senhor Jesus; refere-se a todos os aspectos da vocação consagrada, compreendidas a vida fraterna e a missão. Também nossa regra de vida reconhece a raiz da nossa vocação em Deus e em Cristo, quando afirma que nós salesianos “aderindo totalmente a Deus, amado sobre todas as coisas, empenhamo-nos numa forma de vida que se funda por inteiro nos valores do Evangelho” (Const. 60).

Evidentemente, o testemunho pessoal e comunitário da radicalidade evangélica não é um aspecto que se coloque ao lado dos outros, mas uma dimensão fundamental da nossa vida. Por isso, será importante para nós desenvolver o tema da radicalidade evangélica, além de em referência à sequela de Cristo obediente, pobre e casto, também tendo presentes os demais aspectos da nossa consagração apostólica.

1.3. Frutos esperados da realização do tema

Como frutos do CG27, esperamos tornar a nossa vida salesiana ainda mais autêntica e, por isso, *visível, crível e fecunda*. Isso é possível quando ela se fundamenta profunda e vitalmente em Deus, se enraíza, com coragem e convicção, em Cristo e no seu Evangelho, reforça a sua identidade carismática. É por isso que, durante o sexênio passado, nos empenhamos por retornar a Dom Bosco, despertando o coração de cada irmão com a paixão do “*da mihi animas, cetera tolle*”. Viver em fidelidade o projeto apostólico de Dom Bosco, ou seja, viver nossa identidade carismática haverá de nos tornar mais autênticos; da identidade vivida nascerão visibilidade, credibilidade e fecundidade vocacional.

Havia seis anos, na carta de convocação do CG26, eu escrevia: “Mais que crise de identidade, creio que para nós Salesianos exista hoje uma crise de *credibilidade*. Encontramo-nos em situação de paralisação. Parece que estamos sob a tirania do *statu quo*; existem resistências à mudança, mais inconscientes do que intencionais. Embora convencidos da eficácia dos valores evangélicos, temos dificuldade em chegar ao

coração dos jovens, para os quais deveríamos ser sinais de esperança. Somos sacudidos pelo fato que a fé é irrelevante na construção de suas vidas. Constatamos uma escassa sintonia com o mundo deles e uma distância, para não dizer estraneidade, dos seus projetos. Percebemos que nossos sinais, gestos e linguagens não são eficazes; parece que não incidimos em suas vidas”.³

Na mesma carta, eu continuava a escrever: “Junto com o impulso vital, capaz de testemunho e de doação até o martírio, a vida salesiana conhece também ‘a insídia da mediocridade na vida espiritual, do progressivo aburguesamento e da mentalidade consumista’.”⁴ Dom Bosco deixou escrito nos documentos que a tradição chamou de ‘testamento espiritual’: ‘Quando o bem-estar começar a aparecer nas pessoas, nos quartos ou nas casas, começará, ao mesmo tempo, a decadência da nossa congregação [...]. Quando começarem entre nós comodidades ou fartura, nossa pia sociedade terá terminado sua carreira’.”⁵

Se crermos na nossa vocação e a vivermos com convicção, então seremos críveis; de fato, eu também escrevia: “A escassez das vocações e as fragilidades vocacionais levam-me a pensar que, provavelmente, muitos não estejam convencidos da utilidade social, educativa e evangelizadora da nossa missão; outros, talvez, veem o nosso empenho de trabalho como não adequado às suas aspirações, porque não sabemos reinvestir e renovar; alguns, ainda, sentir-se-ão aprisionados pelas emergências que se fazem sempre mais urgentes”.⁶

A *visibilidade* não é principalmente a preocupação com a imagem, mas é o belo testemunho da nossa vocação. Se testemunharmos com fidelidade e alegria o projeto apostólico de Dom Bosco, isto é, a vocação consagrada salesiana, então nossa vida será fascinante, especialmente para os jovens, e teremos, então, uma nova *fecundidade* vocacional. Se o Senhor Jesus se tornar o fascínio da nossa vida, então a nossa vocação será atraente; devemos cuidar, por isso, do testemunho da beleza da nossa vocação.

³ P. CHÁVEZ, “Da mihi animas, cetera tolle”. ACG 394. Roma, 2006, p. 9-10.

⁴ CIVCSVA, *Partir de Cristo*, n. 12.

⁵ P. CHÁVEZ, “Da mihi animas, cetera tolle”. ACG 394. Roma, 2006, p. 10.

⁶ Ibidem.

Estou convencido de que, para alcançar o objetivo do CG27 é necessária uma *conversão espiritual e pastoral*. Os novos contextos, os desafios culturais e as dificuldades no interior da vida consagrada pedem-nos para continuar a buscar caminhos de renovação e crescimento que tornem nossa vida mais significativa. Diante das realidades que vivemos, é urgente mudar de estratégia. O verdadeiramente decisivo será a atuação da nossa identidade de consagrados a serviço do Reino. Esta também é a nossa significatividade: centrar a nossa vida em Deus, o único Absoluto, que nos chama e nos convida a seguir o seu Filho na entrega da vida por amor; viver a profecia da comunhão e da fraternidade; redescobrir a missão entre os jovens como lugar por excelência do encontro com Deus que continua a nos falar.

Devemos continuar, ainda, a aprofundar e adquirir um sempre maior *conhecimento de Dom Bosco*: é preciso estudá-lo, amá-lo, imitá-lo e invocá-lo (cf. Const. 21). Precisamos conhecê-lo como mestre de vida, de cuja espiritualidade bebemos como filhos e discípulos; como fundador, que nos indica o caminho da fidelidade vocacional; como educador, que nos deixou o Sistema Preventivo como herança preciosíssima; como legislador, enquanto as Constituições, por ele elaboradas e sucessivamente interpretadas pela tradição salesiana, oferecem-nos uma leitura carismática do evangelho e da sequência de Cristo.⁷

É necessário continuar a acender o fogo da *paixão espiritual e apostólica* no coração de cada irmão, ajudando-o a motivar e unificar sua vida com o esforço de doar-se totalmente para a “glória de Deus e a salvação das almas”. Também este aspecto, como o anterior, está em continuidade com o CG26, que ainda exige ser realizado plenamente.

A proximidade de 2015, bicentenário do nascimento de Dom Bosco, representa uma graça para a Congregação, que é chamada a encarnar o carisma nos mais diversos contextos, ou seja, o espírito e a missão do nosso Fundador e Pai. Essa celebração será um horizonte do CG27.

Visibilidade, credibilidade e fecundidade são frutos que esperamos obter como consequência da colocação em prática e da obtenção do objetivo fundamental do CG27; precisamos estar conscientes disso.

⁷ Cf. P. CHÁVEZ, “E voi, che dite? Chi sono io?” (Mc 8,28): contemplare Cristo con lo sguardo di Don Bosco”. ACG 384. Roma, 2003.

Devemos, pois, fazer também com que estes frutos “aconteçam” e se realizem; por isso, podemos dizer que eles, além de frutos, são também objetivos secundários do CG27 a serem alcançados.

1.4. Outras tarefas

Além do aprofundamento do tema, o CG27 tem outras tarefas especiais. A primeira entre elas refere-se à eleição do Reitor-Mor e dos membros do Conselho Geral para o sexênio 2014-2020. Há também o cumprimento e a revisão de alguns pedidos feitos pelo CG25 e CG26 ou de mudanças introduzidas por eles.

Tem-se como importante, antes de tudo, o repensamento organizativo e estrutural dos Dicastérios para a nossa missão salesiana: pastoral juvenil, missões, comunicação social (cf. CG26, 117, 118).

E será preciso fazer, também, uma reflexão sobre a configuração das três Regiões da Europa (cf. CG25, 124, 126, 129), o que se torna mais necessário depois da decisão de redesenhar as Inspetorias da Espanha, que passarão de seis a duas após o CG27.

Sente-se ainda a exigência, depois da alteração constitucional ocorrida, de fazer a avaliação da entrega da Família Salesiana ao Vigário do Reitor-Mor (cf. CG25, 133 e CG26, 116).

Enfim, “tal revisão leva a atenção a toda a estrutura do Conselho Geral”, com a exigência para o CG27 de fazer uma revisão das estruturas de animação e governo central da Congregação (cf. CG26, 118).

2. VIDA E MISSÃO SALESIANA NO ATUAL CONTEXTO GLOBAL

Individualizamos o segredo da renovação na Congregação no artigo 3º das nossas Constituições, onde lemos que a “missão apostólica, comunidade fraterna e prática dos conselhos evangélicos são elementos inseparáveis da nossa consagração, vividos num único movimento de caridade para com Deus e para com os irmãos. A missão dá a toda a nossa existência o seu tom concreto”.

A missão salesiana não deve identificar-se com as obras ou atividades que conduzimos; ela é, sobretudo, a expressão do nosso zelo

pela salvação dos jovens, nasce da paixão do “*da mihi animas cetera tolle*”, alimenta-se com uma mística que tem a sua fonte “no coração de Cristo, apóstolo do Pai” (Const. 11).

O mundo em que vivemos e no qual realizamos a missão de Dom Bosco em favor dos jovens, não é apenas o palco onde estamos presentes e atuamos. Ao contrário, ele representa o lugar no interior do qual respondemos aos jovens e, através deles e com eles, respondemos também a Deus. É oportuno, pois, definir embora brevemente os desafios globais do momento histórico que estamos vivendo em raio mundial, reconhecendo que estes desafios são, ao mesmo tempo, oportunidades para a renovação de nossa vida salesiana e de nossa missão.

2.1. Desafios culturais

Fenômeno tipicamente ocidental, o primeiro desafio é, sem dúvida, a *pós-modernidade*, que traz consigo aspectos positivos em relação à dignidade do ser humano e ao seu bem-estar, mas também contravalores. A pós-modernidade, é verdade, não faz sentir os seus influxos em todos os lugares e, nem aonde chegou, é sentida como condicionamento gravoso, mas está, lenta e progressivamente, conquistando a mentalidade e o estilo de vida da elite social, e chega a lançar raízes, infelizmente, também no coração de alguns salesianos, distinguindo o seu modo de vida.

Um segundo desafio é a *inculturação*, marcada também pela crescente *mentalidade intercultural*. A globalização, a migração crescente e a fusão das culturas criam possibilidades de encontro, provocando certa purificação das mesmas estruturas e convidando à valorização das diferenças. Esses impulsos podem levar, ao mesmo tempo, a posições relativistas próprias do multiculturalismo, com a homologação das diferenças, e ao inexorável achatamento dos valores; mas podem também levar à recusa da diversidade, à defesa de interesses particulares até chegar à contraposição e exclusão dos diferentes.

O terceiro desafio refere-se à laicidade e à *secularização*. “Cresce a dificuldade de viver a própria fé em Jesus num contexto social e cultural no qual o projeto cristão de vida é continuamente desafiado e ameaçado; [...] dá a impressão de que o normal é não crer, enquanto

o acreditar teria necessidade de uma legitimação social não óbvia nem automática.”⁸ Com efeito, sendo verdade que esse processo pode favorecer certo amadurecimento na autonomia e responsabilidade das pessoas e uma participação mais consciente das dinâmicas sociais e dos processos culturais, é igualmente verdade que, às vezes, torna-se imanência e faz com que seja impossível dar espaço a Deus. O processo de secularização, em desenvolvimento contínuo, tornou-se um risco verdadeiro também para nós salesianos, e não só para os que trabalham em países muito desenvolvidos, mas também para os que vivem entre populações que ainda conservam um profundo senso religioso.

2.2. Desafios eclesiais

A situação atual faz da *nova evangelização* não algo “opcional”, mas um dever missionário. Nem mesmo nos continentes já evangelizados há tempos a fé “pode ser pressuposta, mas deve ser proposta explicitamente em toda a sua amplitude e riqueza”.⁹ Vivemos, depois, num contexto no qual muitos ainda não ouviram falar do Evangelho e os que ouviram falar dele devem reconhecer que a linha de transmissão da fé, constituída pela família, Igreja e sociedade, está interrompida. O que chama em causa a questão da nossa linguagem, que resulta incompreensível à maioria. Frequentemente, os discursos que utilizamos parecem irrelevantes em contextos culturais e sociais marcados pelo pluralismo ideológico ou pelo ceticismo religioso.

A Igreja, e mais especificamente a vida consagrada, é “provada por um ofuscamento da esperança”.¹⁰ A *insatisfação na vida consagrada* surge quase naturalmente, porque sua tarefa principal é “a afirmação do primado de Deus e da vida eterna”, enquanto deve viver hoje num contexto cultural “onde frequentemente parece ter-se perdido os vestígios de Deus”.¹¹ Esta insatisfação não nasce apenas de causas externas, nem da sua incompatibilidade natural com algumas lógicas do mundo; ela surge também a partir de dentro, porque, entre outras coisas, a vida consagrada viu-se improvisamente privada daqueles papéis especiais

⁸ JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Europa*, n. 7.

⁹ JOÃO PAULO II, *Ecclesia in America*, n. 69.

¹⁰ JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Europa*, n. 7.

¹¹ JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata*, n. 85.

na sociedade que, por muito tempo, lhe tinham dado segurança e importância social.

O pluralismo, que pode deslizar para o *relativismo*, apresenta-nos o desafio de maior empenho. É verdade que se torna sempre mais premente a necessidade de favorecer a manter um diálogo intercultural e inter-religioso para colaborar na construção da única família humana na diversidade dos povos, culturas, línguas e religiões; mas é preciso fazê-lo sem se esquecer de testemunhar que a salvação vem de Cristo. Por isso, devemos aprender e ensinar a não rejeitar “o que nelas há de verdadeiro e de santo” e a recusar como “alheia ao espírito de Cristo qualquer discriminação ou perseguição contra pessoas devido à sua raça, cor, condição de vida ou religião”.¹²

2.3. Desafios institucionais

Considerando a formação inicial, notamos uma fragilidade maior em dois aspectos fundamentais: o *discernimento vocacional* e o *acompanhamento pessoal*. Os “Critérios e Normas” da *Ratio* não são conhecidos. Não há clareza quanto ao modo de se estruturar o acompanhamento e, dessa forma, sua prática cai em desuso. Podemos acrescentar ainda a falta de continuidade e a fragmentação das fases da nossa formação, com impacto negativo especialmente sobre os dois processos evidenciados e, em geral, sobre a formação dos irmãos como pessoas eficazmente maduras para assumir a vocação e a missão salesiana.

É também evidente a falta de *assimilação das linhas-guia da Congregação para a pastoral*. Elas são um meio para compreender e levar adiante a missão salesiana nos vários campos da animação missionária, pastoral juvenil, comunicação social e pastoral vocacional.

Observamos, enfim, na Congregação, uma fragilidade na *direção e animação*. Governo e animação nem sempre favorecem a mudança de mentalidade, não promovem os processos necessários, não conseguem romper as resistências à mudança, não ajudam o sujeito a assumir responsabilidades pessoais e trabalhos de responsabilidade compartilhada.

¹² JOÃO PAULO II, *Ecclesia in America*, n. 51.

2.4. Desafios pessoais

É obrigatório registrar *algumas carências* na vida do salesiano: o *individualismo* nas decisões pastorais, no modo como o tempo livre é empregado, no espaço dado ao bem-estar pessoal em detrimento da disponibilidade para a missão; mas também o *ativismo*, que deixa pouco espaço à vida espiritual, ao estudo sistemático, à aprendizagem continuada, ao hábito da reflexão. Os irmãos não estão habituados à *autoformação*, e alguns nem sequer sentem sua necessidade.

Frequentemente, não há consciência da *identidade da nossa vocação* de salesianos consagrados, comprometendo assim a identificação pessoal com a própria vocação. Mais do que a dedicação à própria vocação, o que interessa parece ser o sentir-se bem consigo mesmo e o estar bem com os outros. Aumenta a distância afetiva e efetiva em relação ao mundo dos jovens; eles, com frequência, não são compreendidos ou percebidos como a nossa única *razão de ser*.

Última, mas não menos importante, é a *dimensão afetiva* do salesiano, que resulta escassamente valorizada. Emoções, sentimentos e afetos são transcurados, se não ignorados; há deficiência na educação à interioridade e à expressividade emocional, por falta de formação adequada e de formadores competentes. Isso tudo reflete nas atitudes educativas que assumimos e no trabalho pastoral que realizamos principalmente em relação à educação dos jovens ao amor, ao cuidado com os casais enamorados, à atenção à vida matrimonial e às famílias.

2.5. Os jovens como desafio

Enfim – como já escrevi em outra ocasião¹³ – parece-me perceber na Congregação um fenômeno muito preocupante: registro cá e acolá, entre os irmãos, uma resistência mais ou menos consciente e, às vezes, uma incapacidade declarada, de aproximar-se com simpatia, de iluminar com perspicácia, fruto de estudo, e de acolher cordialmente as novas formas de expressão que caracterizam os jovens de hoje, não menos do que as experiências coletivas com que dão forma aos seus estilos

¹³ Cf. P. CHÁVEZ, “L’inculturazione del carisma salesiano”. ACG 411. Roma, 2011.

‘espetaculares’ de vida;¹⁴ ou seja, aquelas formas de expressão que, normalmente, são afirmadas no tempo livre, quase sempre à margem das habituais instituições sociais.

O CG26 ilustra essa situação quando, ao falar das novas fronteiras, afirma: “Reconhecemos, também, as expectativas dos jovens espiritual e culturalmente pobres, que solicitam nosso empenho: jovens que perderam o sentido da vida, carentes de afeto pela instabilidade da família, desiludidos e esvaziados pela mentalidade consumista, indiferentes quanto à religião, desmotivados pelo permissivismo, pelo relativismo ético, pela difusa cultura de morte”.¹⁵

Esta solidão afetiva não é a única nem, diria, a mais extensa forma de pobreza existencial, em que se encontram os jovens de hoje. A grande maioria dos que povoam os países em vias de desenvolvimento conhece bem a indigência econômica, a precariedade familiar, a discriminação racial, as carências educativas e culturais, o despreparo para o trabalho, o abuso ignóbil por parte de terceiros, o trabalho abusivo como mão de obra, o fechamento de horizontes que sufoca a vida, dependências várias e outros desvios sociais.

O mapa atual da juventude que se perde é um quadro tão desolador que apela para uma urgente conversão à compaixão (cf. Mc 6,34; 8,2-3), não menos do que à ação (cf. Mc 6,37; 8,4-5). Como e com Dom Bosco, a Congregação empenhou-se mediante a educação e a prevenção, em ajudá-los a encontrar-se com eles mesmos, a acompanhá-los com paciência e confiança no caminho da sua construção pessoal, a oferecer-lhes instrumentos para ganhar a vida; mas, ao mesmo tempo, a propor-lhes um modo que lhes seja adequado para se relacionarem com Deus.

A fim de recriar o carisma salesiano nas mais variadas situações onde nos encontramos, não basta adaptá-lo aos diversos contextos juvenis; é mais necessário ainda investir nos jovens, tornando-os sujeitos protagonistas e colaboradores confiáveis, sem jamais esquecer

¹⁴ Cf. J. GONZÁLEZ-ANLEO - J. M. GONZÁLEZ-ANLEO, *La juventud actual*. Verbo Divino, Estella, 2008, p. 44. Para uma descrição dos estilos de vida juvenis nas sociedades ocidentais, ver a monografia “De las ‘tribus urbanas’ a las culturas juveniles”. *Revista de Estudios de Juventud* 64, 2004, p. 39-136.

¹⁵ CG26, n. 98.

que eles são a razão da nossa consagração a Deus e da nossa missão. Queremos fazer isso habitando o mundo deles, falando a sua língua, estando ao lado deles, não só como nossos destinatários privilegiados, mas principalmente como companheiros de viagem.

3. RADICALIDADE EVANGÉLICA DA VIDA CONSAGRADA SALESIANA

Durante as Visitas de Conjunto, pudemos constatar que há numerosos *aspectos positivos* na vida da Congregação. Os irmãos, em geral, vivem conscientes da identidade da vida consagrada salesiana e são portadores de valores que a manifestam. Na maioria dos casos, foi boa a implantação do carisma nos diversos países, lugares, contextos nos quais a Congregação se encontra. O crescimento das presenças e das vocações foi satisfatório em numerosas partes do mundo. Consolidaram-se nos últimos tempos experiências positivas de vida fraterna. Sobretudo depois do CG26, a consciência de que o conhecimento profundo de Dom Bosco é elemento irrenunciável para a renovação profunda da vida salesiana cresceu em todos. Em algumas Regiões, as Inspetorias conheceram um florescimento prometedor e deram vida a novos tipos de obras que tornam visível a fidelidade ao carisma de Dom Bosco.

Ao lado destes elementos positivos também há, não obstante, *dificuldades importantes*: em algumas partes da Congregação, o envelhecimento dos irmãos, a escassez de vocações e a complexidade das obras tornam difícil a renovação desejada. Em outras partes, tem-se dificuldade para orientar a ação pastoral em vista da opção fundamental dos jovens. Ainda há resistências para encontrar espaço para a vida de comunidade e há dificuldade para promover itinerários válidos e eficazes de formação permanente. Aflora cá e acolá a falta de entusiasmo para viver a própria vocação e nota-se uma animação frágil por parte dos irmãos diretores.

A fim de enfrentar os desafios atuais e futuros da vida consagrada salesiana e da missão em toda a Congregação, surge a necessidade de traçar o *perfil do novo salesiano*; hoje, ele é chamado a ser:

- *místico*: num mundo que começa a fazer sentir sempre mais claramente o desafio do secularismo, precisamos “encontrar uma resposta *no reconhecimento do primado absoluto de Deus*” através da “total entrega de si” e na “conversão permanente duma existência oferecida como verdadeiro culto espiritual”;¹⁶
- *profeta*: “na situação pluricultural e plurirreligiosa de hoje, urge o testemunho da fraternidade evangélica”. Nossas comunidades religiosas são chamadas a ser corajosas na vivência do evangelho como modelo alternativo de vida e “estímulo para a purificação e a integração de valores diversos por meio da superação dos contrastes”;¹⁷
- *servo*: “A presença de novas formas de pobreza e marginalização deve suscitar a criatividade no cuidado pelos mais necessitados”;¹⁸ foi o que marcou o nascimento da nossa Congregação e produzirá o renascimento das nossas Inspetorias, em benefício dos jovens pobres e dos marginalizados por razões econômicas, sexuais, raciais ou religiosas.

Tudo isso requer uma mudança tanto de mentalidade como de práxis: entrar num processo de verdadeira conversão, passando de uma mentalidade fechada a outra aberta e pronta à mudança, olhando o futuro com esperança e otimismo. É preciso, então, levar em consideração alguns elementos estratégicos.

3.1. Radicalidade evangélica da vida consagrada

Observando a situação atual da Igreja e, nela, a da nossa Congregação, não podemos ignorar que o chamado à “radicalidade evangélica” a partir da prática dos conselhos evangélicos é uma necessidade urgente e um tema de grande atualidade. Por exemplo, sobre a *castidade* consagrada, surgiram nos últimos anos, suscitando grande escândalo, os problemas da pedofilia e dos abusos sexuais;¹⁹ eles, como o próprio

¹⁶ JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Europa*, n. 38.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ Cf. P. CHÁVEZ, “‘Io sono la vite, voi i tralci’ (Gv 15, 5a): la vocazione a restare sempre uniti a Gesù per avere vita”. ACG 408. Roma, 2010.

Bento XVI escreveu, “obscureceram a luz do Evangelho a tal ponto, ao qual nem sequer séculos de perseguição não tinham chegado”,²⁰ embora se deva recordar que o problema não é de hoje.

Entretanto, não é apenas o aspecto da castidade consagrada a ser problemático; muito frequentemente, de fato, as dificuldades neste campo são consequência e expressão de outras situações negativas relacionadas com os conselhos evangélicos da pobreza e da obediência. Em particular, a prática da *pobreza*, que é um dos pontos centrais do CG26 (cf. n. 79-97), tornou-se muito premente depois da queda financeira e econômica em nível mundial. Enquanto religiosos, não podemos reduzir a pobreza à mais vigiada exatidão na gestão dos recursos, todavia obrigatória; na verdade, a pobreza empenha o modo de entender e viver um valor evangélico fundamental para a nossa consagração. O mesmo Santo Padre Bento XVI tem, sobre isso, expressões muito fortes e iluminadoras quanto à raiz moral da atual crise econômica.

Numa das minhas primeiras cartas, “És tu o meu Deus, fora de ti não tenho bem algum”,²¹ eu quis fazer uma profunda análise desta situação, provocada pelo “modelo liberal” de vida consagrada, que afeta particularmente a *obediência*. De fato, estou convencido de que um dos pontos lá indicados pode ser reconhecido como uma das raízes da problemática atual; trata-se do individualismo que se esconde, às vezes, detrás do direito à “privacidade”, realidade esta que muitas vezes, parafraseando o texto bíblico “cobre uma multidão de pecados”. Tudo isso está ligado indissolivelmente às dificuldades na obediência; na verdade, eu reconhecia essa ligação também na carta citada: “Introduziu-se, assim, uma grande dose de individualismo, que torna a obediência quase impossível”.²²

Entretanto, a radicalidade evangélica da vida consagrada não pode limitar-se à prática dos conselhos evangélicos. Ela envolve todo o seu ser, alcançando todos os seus componentes vitais: a sequência de Cristo e a busca de Deus, a vida fraterna em comunidade, a missão. Cada uma dessas áreas está impregnada do fascínio da vocação sendo, portanto, chamada à radicalidade evangélica.

²⁰ BENTO XVI, *Carta apostólica aos católicos da Irlanda*. Roma, 19 de março de 2010, n. 4.

²¹ Cf. P. CHÁVEZ, “Sei Tu il mio Dio, fuori di Te non ho altro bene”. ACG 382. Roma, 2003.

²² P. CHÁVEZ. “Sei Tu il mio Dio, fuori di Te non ho altro bene”. ACG 382. Roma, 2003, p. 22.

Esta radicalidade é declarada pelo próprio Jesus ao longo do seu ministério profético, que encontra sua expressão mais explícita no “Discurso da montanha”, quer na proclamação das Bem-aventuranças, que marcam uma reviravolta da lógica do mundo, quer nas declarações subsequentes que se voltam para a interioridade da lei e o amor como lei suprema (cf. Mt 5-7). Novamente, a radicalidade evangélica aparece como luz meridiana quando Jesus apresenta as consequências do seu seguimento, compartilhando com ele, aonde quer que ele vá, uma vida não cômoda, não programada, subordinando tudo ao Reino (cf. Lc 9,57-62). E, sobretudo, quando, depois do anúncio da paixão e da resistência de Pedro, dirigindo-se não só aos discípulos, mas a toda a multidão, diz: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me! Pois quem quiser salvar sua vida, a perderá; mas quem perder sua vida por causa de mim e do Evangelho, a salvará” (Mc 8, 34-35).

A vocação (Const. 22 e 25; 97 e 98)

Como religiosos, nós salesianos somos chamados à radicalidade evangélica na vida consagrada. Sendo verdade que a radicalidade evangélica refere-se a todo discípulo de Jesus, é igualmente verdade que nós somos chamados a vivê-la concretamente na vida consagrada. A radicalidade para nós é, antes de tudo, uma vocação. Infelizmente, em nossa reflexão, na vivência e na ação concreta, a referência ao chamado de Deus é bastante pobre. Não se escolhe a vocação; ela nos é dada; nós só podemos reconhecê-la e acolhê-la; da mesma forma, a radicalidade evangélica, antes de empenho e obrigação, é dom e graça.

A vocação não nasce de uma iniciativa pessoal, porque é um chamado para uma missão específica, não determinada por nós, mas por Aquele que chama. Lemos no Evangelho de Marcos que Jesus “chamou os que ele quis; e foram a ele. Ele constituiu então doze, para que ficassem com ele e para que os enviasse a anunciar a Boa Nova, com o poder de expulsar os demônios” (Mc 3,13-15). O Evangelho de João também confirma que ser discípulo e apóstolo não é escolha pessoal, mas eleição da parte de Jesus, uma vocação: “não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi” (Jo 15,16a); e a missão é “permanecer no seu amor” (Jo 15,9b). Só assim os chamados podem ter plenitude de

alegria: “Eu vos disse isso para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja plena” (Jo 15,11), entrar na sua intimidade: “Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos ordeno” (Jo 15,14), ter fecundidade: “Eu vos constituí para irdes e produzirdes fruto e o vosso fruto permaneça” (Jo 15,16b).

Esta dimensão antropológica e teológica da vocação é fascinante. Há uma Pessoa que te vê, te ama e te chama, e tu podes aceitar ou recusar a proposta. Ao apelo pessoal, pode-se responder dizendo “sim” ou “não”. Tudo isso acontece na maior liberdade. Podemos dizer, com razão, que entregar a própria vida, a única vida, toda a vida, representa o mais elevado nível de consciência humana. Encontramos na Sagrada Escritura a história dos grandes “amigos de Deus”: Abraão, Davi, Elias, os profetas, José, Maria, os apóstolos; eles renunciaram aos projetos pessoais e permitiram que Deus se apossasse de sua vida para, com Ele, escreverem a história da salvação. Nem todos os chamados, porém, aceitaram o chamado. Podemos recordar, por exemplo, o encontro de Jesus com o homem rico que lhe perguntou: “Bom Mestre, que devo fazer para ganhar a vida eterna?”; mas ao convite de Jesus: “Vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me” (Mc 10,17-32), ele foi embora cheio de tristeza.

A vocação religiosa era apresentada muitas vezes no passado como um evento pontual na vida de uma pessoa. Embora, nos numerosos apelos que configuram a existência, existam eventos que apontam para o futuro, a vocação cristã deve ser entendida, sobretudo como diálogo ininterrupto entre Deus que chama e o discípulo que responde. Ela requer, portanto, uma grande liberdade para dispor totalmente de si e entregar-se à pessoa amada. Obviamente, para deixar tudo e entregar-se inteiramente a uma pessoa é preciso estar profundamente enamorado. Não por acaso a imagem mais eloquente para descrever esta relação de amor é a aliança. Entende-se disso que não é possível ser consagrado sem ser ao mesmo tempo místico, cheio de paixão por Deus e pelo homem.

Nossa vocação específica é a vida consagrada salesiana, que nos coloca como discípulos e apóstolos do Senhor Jesus nos passos de Dom Bosco. Ela é descrita de modo sintético no artigo 3º das Constituições,

ao apresentar nossa vocação como um chamado à sequência de Cristo obediente, pobre e casto à vida fraterna em comunidade, à entrega pela missão, em diálogo com Deus e a serviço dos irmãos. São elementos vocacionais constitutivos, aos quais se devem dar espaço na vida pessoal e comunitária. Nossa vida deverá oferecer espaço “equilibrado e harmonioso” à *experiência espiritual*, à *fraternidade em comunidade* e à *missão*.

A **graça de unidade** entre os aspectos da nossa vocação é um desafio fundamental a ser enfrentado com seriedade e determinação, sob pena de fragmentação, dispersão, ativismo, superficialidade espiritual, genericismo pastoral, perda do sentido vocacional, esvaziamento. Por esse motivo, apresento a seguir alguns elementos fundamentais da nossa consagração apostólica, a serem vividos com radicalidade evangélica: a *experiência espiritual*, a vida fraterna, a missão.

Experiência espiritual: discípulos de Cristo (Const. 61-84)
e investigadores de Deus (Const. 85-95)

Não surpreende que a experiência espiritual, que está na base da vida consagrada e faz de nós investigadores de Deus e discípulos de Jesus, se caracterize no Espírito como totalizante, unitária e dinâmica:

- *totalizante*, porque nos coloca diante do Deus cheio de zelo, que não admite outros deuses fora d’Ele, com uma presença envolvente; não há espaço para fragmentar a nossa entrega a Ele, porque, “quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim. E quem ama seu filho ou filha mais do que a mim, não é digno de mim. E quem não toma sua cruz e não me segue, não é digno de mim” (Mt 10,37-38);
- *unitária*, porque vem integrar todos os elementos da vida ao redor do único importante e necessário, o Absoluto, como ilustrado na resposta de Jesus a Marta, preocupada com as muitas coisas a fazer por Ele, menos a coisa importante, que Maria descobriu (Lc 10,41-42);
- e *dinâmica*, porque nos dá “um coração novo e um espírito novo”; o que se deve fazer, a lei que se deve cumprir, não está

fora de nós, mas dentro de nós; o mesmo Espírito Santo torna-se em nós dinamismo de vida, como diz São Paulo: “Pois a lei do Espírito, que dá a vida no Cristo Jesus, te libertou da lei do pecado e da morte” (Rm 8,2).

Somente uma experiência espiritual como esta pode ser fonte de uma vida religiosa dinâmica e significativa, de uma oração viva, de uma comunidade fraterna, de um zelo apostólico, de uma pastoral fecunda; ela transforma a vida da pessoa e da comunidade a partir de dentro, dando lugar a modelos novos de relação interpessoal e de conduta, a um tipo novo de oração e de culto, a uma forma típica de pastoral, e, sobretudo, a um modelo cultural alternativo, sinal e fruto da espera do Senhor que vem.

Discípulos de Cristo (Const. 61-84)

A vocação religiosa, uma vez acolhida, leva à decisão de entregar-se totalmente a Deus que nos consagra para Ele. A vida consagrada é, de fato, uma estrada que parte do Amor de Deus, que fixou o olhar sobre nós, nos amou, nos chamou, nos agarrou; e uma estrada que conduz ao Amor, enquanto via segura para alcançar a plenitude de vida em Deus. Isso significa dizer que a vida consagrada inteira é marcada pelo amor e deve ser vivida segundo ele, com a convicção e o entusiasmo de quem percebe o amor como força motriz da vida. De aqui brotam a serenidade, a luminosidade e a fecundidade da vida consagrada, características que a tornam encantadora.

A consagração, então, faz com que sejamos pessoas que se entregaram incondicionalmente a Deus e, mais concretamente, faz de nós “memória viva do modo de ser e agir de Jesus” obediente, pobre e casto,²³ transformando-nos em sinais e portadores do Amor de Deus pela humanidade. Essa é, na verdade, a primeira contribuição que, como religiosos, nós podemos e devemos oferecer. Infelizmente, isso não é reconhecido quando um modelo antropológico redutivo priva a vida da sua dimensão religiosa, fundamentando-a em projetos de existência de breve duração; por exemplo, os mitos da ciência, da técnica e da

²³ Cf. JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata*, n. 22.

economia, com a ilusão de que o seu progresso seja ilimitado, condenam a vida à imanência deste mundo sem horizontes de transcendência definitiva, porque, afinal, tudo acaba com a morte. A um mundo centrado na eficiência e na produção, na economia e no bem-estar, o religioso apresenta-se como *sinhal de Deus*, da sua graça, do seu amor. Deus e o seu Amor é o que Jesus nos veio dar. Essa é a boa notícia! Deus é a primeira contribuição que podemos dar à humanidade. Eis a grande esperança a oferecer. Eis a nossa primeira profecia.

Ao falar com os jovens que aspiram a ser salesianos, convenço-me de que no fundo eles buscam na vida consagrada a resposta a três grandes anseios: uma profunda sede de espiritualidade, embora nem sempre identificada com uma clara experiência do Deus de Jesus Cristo; uma vida de comunhão, embora nem sempre projetada na comunidade, sobretudo quando esta não se sobressai pelo acolhimento, a relação interpessoal profunda, o espírito de família; e, enfim, um empenho decidido em favor dos mais pobres e carentes, embora nem sempre estejam dispostos a entregar-se definitivamente, o que é fácil de se entender numa cultura caracterizada pelos compromissos de curto prazo ou, ao menos, não para sempre. Tarefa da formação é construir itinerários de amadurecimento nos valores pelos quais os jovens consagrados se mostram mais sensíveis, ajudando-os, por outro lado, a reconhecerem e acolherem também os elementos que percebem como dificuldades.

A vocação de seguir e imitar Jesus Cristo comporta uma progressiva configuração a Ele até ser realmente “memória viva do seu modo de agir e ser obediente, pobre e casto”, como Ele o foi.

É certo que a vida centrada dessa forma em Deus e na entrega de si aos outros é visivelmente contranatural, contra o valor absoluto da economia e do materialismo, contra o hedonismo e o culto do corpo, contra o individualismo e toda forma de autoritarismo. Vivemos num contexto histórico, cultural e social em que os conselhos evangélicos não são estimados; antes, são considerados inumanos e culpáveis de construir pessoas divididas, algo do que nos deveríamos libertar. Por exemplo, a obediência parece atentar contra os direitos fundamentais da pessoa humana: liberdade de tomar decisões isoladamente, de autodeterminação e autorrealização. A castidade é vista como privação

dos bens matrimoniais: renúncia a ter uma pessoa com quem contar nos momentos bons e maus e com quem compartilhar alegrias e tristezas, sucessos e provas da vida; renúncia à paternidade e a ter filhos; renúncia ao prazer conjugal, com a alegria do corpo, que os esposos se entregam reciprocamente, sem obviamente reduzir tudo ao prazer físico; renúncia à ternura, à intimidade ordinária, a considerar que há uma pessoa junto de ti, à doçura de uma troca de olhares, a ouvir dizer que “é belo que tu existas”. A pobreza ainda é menos valorizada num mundo que fez do bem-estar e da economia valores supremos; isso faz com que seja vista como um mal a vencer, algo do que se libertar para ser plenamente autônomo, sem depender de ninguém; o que importa é ter para poder ser, não privar-se de nada, buscar formas de vida burguesas e consumistas, que nos tornam insensíveis aos pobres e incapazes de servir aos mais necessitados.

Essa mentalidade sempre mais difusa, que não torna apetitosa a vida evangélica, pode infiltrar-se entre os consagrados, que se sentem tentados a subtrair a Deus na vida pessoal o que Lhe deram publicamente mediante a profissão.

Sem idealizar a forma ordinária de realizar a vida humana, é importante sublinhar que os votos não são mera renúncia a alguns valores. Eles dão uma resposta às três grandes forças que comprometem a existência humana e que a primeira carta de João estigmatizou tão magistralmente: “Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai. Porque tudo o que há no mundo – a concupiscência humana, a cobiça dos olhos e a ostentação da riqueza – não vem do Pai, mas do mundo” (1Jo 2,15b-16). Jesus inaugurou em si mesmo outra forma plenamente humana de realizar a existência, totalmente consagrado a Deus e inteiramente votado ao Homem. Isso só é possível se Deus é reconhecido como Absoluto na própria vida, fazendo da Sua Vontade o nosso projeto de vida, dedicando-nos com generosidade a colaborar com Ele na realização do seu plano de salvação da humanidade: livres de tudo e de todos para sermos servos de todos. Justamente porque esta não é uma vida inumana, mas carismática, no sentido pleno do termo, fruto da ação do Espírito que habilita para tal forma de vida evangélica, ela exige idoneidade humana, fruto da natureza e da educação recebida, e amadurecimento, obra do processo formativo.

Por outro lado, a radicalidade dos conselhos evangélicos não provém apenas da tradição eclesial, mas encontra-se também na perspectiva da revelação bíblica. Refiro-me de modo especial à obediência, que na Sagrada Escritura, desde o Antigo Testamento, está unida à atitude fundamental do crente, ou seja, a fé. De fato, nas Escrituras, os autênticos crentes são radicalmente obedientes; pensemos em Abraão, Davi, Moisés e nos profetas. Podemos afirmar também que no seu horizonte nem a pobreza nem o celibato aparecem ainda como valores. Não se trata, contudo, de personagens extraordinários, porque também a experiência de Israel foi assim descrita: um povo de escravos libertados para ser um povo santo que conhece a alegria do serviço livre a Deus.

A perspectiva veterotestamentária encontra sua encarnação mais perfeita justamente em chave de obediência no Filho de Deus, Jesus. A Carta aos Hebreus e a Carta aos Filipenses evidenciam, de fato, que o crente é, pela sua natureza, e se define como tal, um ser obediente. E diria ainda que um dos traços mais fascinantes da cristologia contemporânea é justamente esta recuperação da liberdade de Jesus, que não se pode explicar a não ser na sua obediência radical ao Pai. A obediência representa a atitude por excelência do Filho de Deus. Parece-me que isso ajuda um pouco a superar o preconceito existente na cultura atual contra a obediência. A perspectiva bíblica ajuda a entender a diferença entre “submeter-se”, que implica em algo de servil e indigno do ser humano, e “ato de obediência” que, em todas as línguas bíblicas, tem como raiz o verbo escutar. Na prática, aquele que escuta bem é justamente aquele que acolhe o que escutou; não há, portanto, escuta verdadeira que não seja acompanhada da obediência.

Esta concepção torna possível, alegre e fecundo o *viver os valores do Evangelho*, o fazer sempre mais nosso o modo de ser de Jesus obediente, pobre e casto, o ser seu discípulo. Só a identificação progressiva com Cristo realiza a *sequela Christi*.

Investigadores de Deus (Const. 85-95)

Falando aos participantes da Assembleia da USG (União dos Superiores Gerais) e da UISG (União Internacional das Superiores Gerais), na Sala Clementina do Vaticano, em 26 de novembro de

2010, o Papa Bento XVI dizia-nos: “As vossas duas últimas Assembleias foram dedicadas a considerar o futuro da vida consagrada na Europa. Isto significou a reconsideração do próprio sentido da vossa vocação, que inclui, antes de tudo, procurar Deus, *quaerere Deum*: sois por vocação pesquisadores de Deus. A esta busca consagrais as melhores energias da vossa vida. Passais das situações secundárias às essenciais, àquilo que é verdadeiramente importante; procurais o definitivo, buscais Deus, conservando o olhar fixo n’Ele. Como os primeiros monges, cultivais uma orientação escatológica: por detrás do provisório procurais o que permanece, aquilo que não passa (cf. Discurso no Collège des Bernardins, Paris, 12/12/2008). Procurais Deus nos irmãos de hábito que Ele vos deu, com os quais compartilhais a mesma vida e missão. Buscais Deus nos homens e nas mulheres do nosso tempo, para junto dos quais sois enviados para lhes oferecer, com a vida e a palavra, o dom do Evangelho. Procurais Deus particularmente nos pobres, primeiros destinatários da Boa Notícia (cf. Lc 4,18). Buscais Deus na Igreja, onde o Senhor se faz presente, sobretudo na Eucaristia e nos outros Sacramentos, e na sua Palavra, que é via mestra para a busca de Deus, introduz-nos no diálogo com Ele e revela-nos o seu verdadeiro rosto. Sede sempre apaixonados investigadores e testemunhas de Deus!”.

E acrescentava em seguida: “A profunda renovação da vida consagrada começa a partir da centralidade da Palavra de Deus, e mais concretamente do Evangelho, regra suprema para todos vós, como afirma o Concílio Vaticano II no Decreto *Perfectae Caritatis* (cf. n. 2) e como compreenderam bem os vossos Fundadores: a vida consagrada é uma planta rica de ramos que afunda as suas raízes no Evangelho. Demonstra-o a história dos vossos Institutos, em que a vontade firme de viver a Mensagem de Cristo e de configurar a própria vida com ela foi e permanece o critério fundamental do discernimento vocacional e do vosso discernimento pessoal e comunitário. O Evangelho vivido cotidianamente é o elemento que confere fascínio e beleza à vida consagrada e que vos apresenta ao mundo como alternativa confiável. É disto que tem necessidade a sociedade contemporânea, é isto que a Igreja espera de vós: que sejais um Evangelho vivo”.

Por isso, os consagrados assumem a santificação como a principal finalidade da vida. E isso também é válido para a nossa Congregação, como atesta claramente a ata de Fundação da Congregação Salesiana.²⁴ Não por acaso a nossa Regra de vida conclui a primeira parte, logo depois da fórmula da profissão, afirmando num primeiro momento que “os irmãos que viveram ou vivem em plenitude o projeto evangélico das Constituições são para nós estímulo e ajuda no caminho da santificação”, e, depois: “o testemunho desta santidade, que se realiza na missão salesiana, revela o valor único das bem-aventuranças e é o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens” (Const. 25).

Em sua carta “O Pai nos consagra e nos envia”, padre Juan E. Vecchi escrevia:

“Os consagrados aparecem como especialistas da experiência de Deus. Tal experiência está na origem da sua vocação. O projeto de vida que assumem tende a cultivá-la. Privilegia-a em termos de tempo e de atividade. Todos os cristãos, por outro lado, devem e querem fazer certa experiência de Deus; mas só podem dedicar-se a ela fragmentariamente e em condições de vida menos favoráveis, correndo o risco de descuidar-se dela.

Os consagrados propõem-se como interlocutores para todos os que no mundo estão em busca de Deus. Aos cristãos, oferecem a possibilidade de fazer, na companhia deles, uma experiência religiosa renovada; com os que não creem, colocam-se ao seu lado no caminho de busca.

Hoje, esse serviço está se tornando atual e obrigatório. Demonstra-o a abertura de mosteiros e conventos para aqueles que desejam servir-se deles para jornadas de reflexão. Nós, por outro lado, somos chamados a fazer um serviço semelhante com os jovens.

Há na vida uma lei aplicada em todos os âmbitos: nenhum valor permanece vivo na sociedade sem um grupo de pessoas que se dediquem completamente a desenvolvê-lo e sustentá-lo. Sem a classe médica e a organização dos hospitais seria impossível a saúde. Sem os artistas e as instituições correspondentes decaí o sentido artístico da população.

²⁴ “Aprove, portanto, aos mesmos Congregados erigir-se em Sociedade ou Congregação que, tendo em mira a ajuda recíproca para a própria santificação, se propusesse promover a glória de Deus e a salvação das almas especialmente das mais necessitadas de instrução e de educação”, do *Verbale dell'atto di Fondazione della Congregazione Salesiana* (Turim, 18/12/1859). Texto crítico preparado pelo Instituto Histórico Salesiano.

O mesmo acontece com o sentido de Deus: os religiosos, contemplativos ou não, constituem aquele corpo de místicos capaz de ajudar, pelo menos a quem está perto, a ler a existência à luz do Absoluto e a fazer sua experiência.

Isso pertence aos propósitos essenciais da vida religiosa. Com efeito, os Fundadores colocaram o sentido de Deus acima de todas as atividades e aspectos da própria instituição. Crentes e não crentes advertem como deformidade a mediocridade religiosa dos consagrados. Os próprios religiosos sentem um vazio que não pode ser preenchido quando essa dimensão desaparece”.²⁵

A afirmação do Absoluto de Deus exige de nós um salto profético: essa é a missão da vida religiosa hoje, esse é o melhor serviço que podemos prestar aos nossos irmãos porque só a fé, a esperança e o amor têm o enorme poder de superar a mediocridade e dissolver a decadência da nossa cultura fragmentada pelo individualismo, o hedonismo, o relativismo, o niilismo e por todo tipo de ideologia imanentista.

Se no passado, o perigo da vida religiosa era perder um sadio enraizamento na terra e na história, concentrando-se de modo preponderante na sua função de apelo à transcendência, hoje corre o risco de debilitar-se num “terrenismo” que esquece qualquer outra perspectiva. Isso acontece quando se pensa que a salvação é obra nossa, quando cedemos à tentação do prometeísmo e, sem querê-lo, fazemos do ativismo uma idolatria. Então, a vida religiosa perde a sua razão de ser, esquece a sua missão e perverte-se numa forma paradoxal de secularismo. Pensando em adquirir mais relevância pelo que fazemos, perdemos a identidade e privamos o mundo da esperança que ele espera de nós!

Eis porque devemos cultivar cuidadosamente nossa vida espiritual, tanto em nível pessoal como comunitário. Será preciso superar, sem dúvida, uma concepção de vida espiritual de índole intimista, alheia ou marginal à vida do mundo; ao mesmo tempo, porém, será preciso potencializar a experiência da oração, melhorar a qualidade da vida comunitária, realizar com profissionalismo e preparação o nosso serviço evangelizador, para podermos ser sinais proféticos diante dos atuais valores, que o mundo canoniza, e testemunhas irrefutáveis do Deus do Amor.

²⁵ J. VECCHI, “Il Padre ci consacra e ci invia”. ACG 365. Roma, 1998, p. 25.

Vida fraterna: em comunidades fraternas (Const. 49-59)

Numa sociedade em que reina o individualismo, numa cultura em que prevalece o egoísmo, em famílias nas quais a solidão é sempre mais difusa, é natural que a pessoa sinta a comunicação como uma necessidade fundamental. Hoje, por um verso, ela é facilitada e favorecida pelos meios de comunicação; bastaria pensar no uso do celular e dos demais campos de comunicação como Youtube, Facebook, Twitter... Mas, por outro, ela pode criar obstáculos devido à virtualidade. É verdade que se pode entrar em contato com muitíssimas pessoas em qualquer parte do mundo e ao mesmo tempo; o uso desses canais, porém, não garante a comunhão, porque esta é sempre fruto de uma ligação pessoal, de uma relação real com quem pede acolhida, reconhecimento e respeito pela própria individualidade, e pede aceitação dos limites próprios e alheios, empenho em compartilhar e conviver, elementos todos que constituem o fundamento de qualquer autêntica experiência familiar ou comunitária.

Para nós salesianos, a vida de comunidade é um elemento muito importante da nossa opção religiosa. Para nós, de fato, o “viver e trabalhar juntos” é uma condição essencial que garante um caminho seguro para realizar a nossa vocação (cf. Const. 49). A vida religiosa salesiana é inconcebível sem a comunhão que se concretiza na vida comum e na missão compartilhada. A exigência da fraternidade nasce do fato de sermos filhos do mesmo Pai e membros do Corpo de Cristo; a vida religiosa cria uma autêntica família constituída de pessoas que compartilham a mesma fé e o mesmo projeto de vida. Da perspectiva tipicamente salesiana, nós somos chamados a criar e viver o espírito de família como o queria e vivia Dom Bosco.

Obviamente, como em outros campos da vida religiosa, também aqui podemos individuar alguns riscos como, por exemplo, definir um estilo de relações meramente funcionais ou jerárquicas ou falsamente democráticas. As nossas relações devem ser fraternas e amigáveis, levando-nos a nos amarmos até compartilharmos tudo. Esse critério faz-nos ver que a comunidade é bem compreendida e vivida quando se nutre de comunhão e tende à comunhão. Uma comunidade sem comunhão, com tudo o que isso comporta de acolhida, afeto e estima, ajuda

recíproca e amor, reduz-se a um grupo no qual as pessoas se justapõem, deixando-as, porém, no isolamento. Por outro lado, na vida religiosa, a comunhão sem comunidade é uma forma narcisista de viver a vida e, conseqüentemente, uma contradição, porque é uma forma sutil de individualismo.

Hoje, os religiosos devem fazer um esforço grande e compartilhado para criar comunidades nas quais a densidade espiritual, a qualidade humana e o trabalho apostólico de cada membro fazem com que a vida seja realmente boa, bela e feliz. Em outras palavras, não há fraternidade verdadeira sem qualidade humana, espiritualidade vivida e dedicação apostólica.

Além disso, num momento em que é sempre mais majoritária a presença dos leigos na Congregação, não só como empregados ou colaboradores, mas também como corresponsáveis e até mesmo dirigentes de nossas obras, as comunidades devem sobressair com maior razão pela sua vida de comunhão, de modo que esta se difunda em círculos concêntricos nos grupos dos corresponsáveis e colaboradores e das pessoas próximas às nossas presenças.

Deve-se evidenciar outro aspecto não indiferente na vida religiosa atual: a multiculturalidade das comunidades, numa sociedade sempre mais pluricultural. O testemunho de comunidades formadas por pessoas de idade, origem, língua, cultura, formação e tradições diversas, mas unidas pela fé, pela esperança e pela caridade, é um verdadeiro tesouro, tanto mais que a tentação da xenofobia se faz sentir sempre mais intensamente. A comunidade religiosa é, ainda, uma grande contribuição que oferecemos a um mundo dividido pela injustiça social, pelos conflitos interétnicos e por certos modelos sociais, culturais e econômicos que estão destruindo a solidariedade e hipotecando para sempre a fraternidade. Deus é comunidade. Deus é amor. Eis a boa notícia! Eis o quanto somos chamados a oferecer para a humanização do mundo.

Observando especificamente a profissão dos conselhos evangélicos, reconhecemos que uma vida de comunidade de boa qualidade é uma grande ajuda para a observância dos nossos votos religiosos. De fato, ela nos ajuda a viver, com maior facilidade, disponíveis às exigências

da obediência; faz-nos conscientes do valor da sobriedade e da partilha no uso dos bens; avigora o nosso esforço por uma vida casta e aberta ao amor oblato e ajuda a nossa fidelidade, protegendo-nos de fugas afetivas ou de outras experiências negativas (cf. Const. 83).

A profunda renovação da nossa vida religiosa e salesiana passa, então, através da também profunda renovação da nossa fraternidade na vida comunitária. Para isso adquire especial importância o estilo de animação e governo do *diretor*; em seu papel de autoridade espiritual, que ajuda os irmãos em seu itinerário vocacional, através de uma animação comunitária viva e inteligente e um atento acompanhamento pessoal; autoridade operadora de unidade, que cria um clima de família adequado a promover a partilha fraterna e a corresponsabilidade; autoridade pastoral, que guia e orienta as pessoas, as atividades e os recursos para objetivos de educação e evangelização que caracterizam a nossa missão; autoridade que sabe tomar as decisões necessárias e garantir a sua realização.

Missão: enviados aos jovens (Const. 26-48)

A vida fraterna não tem a mesma importância e as mesmas modalidades de atuação em todas as Ordens e Congregações, embora, como vimos, a vocação religiosa seja, por natureza, sua convocação e, por isso, criadora de fraternidade; contudo, a missão sempre foi reconhecida por todas elas como elemento da identidade da vida religiosa. Não poderia ser diferente, desde que a missão dos religiosos é participação na missão da Igreja, e esta, por sua vez, prolongamento da missão de Cristo. “Chamou os que Ele quis; e foram a Ele. Ele constituiu então doze, para que ficassem com Ele e para que os enviasse a anunciar a Boa Nova, com o poder de expulsar os demônios” (Mc 3,13-15).²⁶ Não só; a missão é o que torna a vida religiosa relevante e eficaz aos olhos do mundo.

Todavia, é preciso distinguir entre missão e fins específicos de um Instituto de vida consagrada. A missão não consiste em fazer coisas, mas essencialmente em ser sinal do amor de Deus no mundo. Os fins específicos, porém, identificam-se, especialmente para a vida consagrada

²⁶ Cf. P. CHÁVEZ, “Spiritualità e missione”. ACG 410. Roma, 2011.

apostólica, com a ação pastoral ou promocional que os religiosos realizam em diversos âmbitos da vida humana. Não há identificação do ser com o fazer; mas o fazer deve ser consequência do ser e sua manifestação transparente.

De fato, a missão não é outra coisa senão a expressão histórica do amor salvífico de Deus, concretizada no envio do Filho pelo Pai e no envio que Jesus faz com o dom do seu Espírito aos apóstolos. A consciência de sermos enviados põe-nos em alerta contra a tentação de querer apossar-nos da missão, dos seus conteúdos, dos seus métodos, de dispor dela em vez de estarmos disponíveis para ela.

Exatamente por anunciarmos o Outro e oferecermos a sua salvação, não podemos anunciar a nós mesmos e os nossos projetos. A nossa missão é tornar presente a salvação de Deus, sendo suas testemunhas. Essa missão envolve toda a nossa existência e livra-nos do risco, não imaginário, do funcionalismo, do ativismo e do protagonismo.

O Evangelho de João exprime de modo incomparável o amor de Deus na missão do Filho quando, depois do encontro de Nicodemos com Jesus, este afirma que “Deus enviou o seu Filho ao mundo não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,17). O Evangelho de Marcos, por sua vez, conclui o trecho da disputa dos apóstolos sobre a questão da autoridade com a chave de leitura dada por Jesus sobre a sua existência humana: “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida em resgate de muitos” (Mc 10,45).

Essa é a missão de Jesus e é também a do consagrado. Esse é o Evangelho, essa a Boa Nova que somos chamados a proclamar e encarnar para encher o mundo de esperança. Eis porque a vida consagrada ainda tem futuro no mundo de hoje! Não resta dúvida de que amanhã seremos menos numerosos, mas certamente deveríamos ser mais significativos do que ontem.

Pode-nos acontecer, às vezes, de sermos enviados a uma comunidade para realizar uma missão que não corresponde às nossas expectativas; ou de sermos enviados a um lugar no qual os destinatários parecem não ter nenhum interesse pelo que somos ou propomos. É esse o momento em que se nos oferece a oportunidade de amadurecer

o significado da missão, pelo simples fato de nos colocar diante de questionamentos que ajudam a purificar e elevar as nossas motivações a um nível teológico e não simplesmente sociológico: “Quem sou eu? Quem me enviou? Quem são aqueles aos quais fui enviado? O que devo fazer?”. Perceberei, então, que o que está em jogo é a minha vida, e também a deles. Se eu tiver nesse momento a capacidade de entender que sou uma pessoa consagrada a Deus e votada aos jovens, que é Ele quem me enviou que eles me foram confiados, que a minha missão é ser seu companheiro de caminhada para ajudá-los a dar sentido à própria existência e fazer opções de vida, só então encontrarei as razões e a força para gastar a minha vida por eles: *“Ofereço-me totalmente a Vós, comprometendo-me a dar todas as minhas forças àqueles a quem me enviardes, especialmente aos jovens mais pobres”* (Const. 24). Para que isso aconteça, é preciso algo muito simples: abrir as portas do próprio coração para, aos poucos, poder conquistar o coração deles e plasmá-lo e orientá-lo a Cristo, o Único que pode encher de sentido e de felicidade a vida deles.

Dessa forma, não nos bastarão as horas do dia, gastaremos menos horas a ver a TV ou em outros *hobbies* e muito mais para estar totalmente disponíveis a eles, para acolhê-los, ouvi-los e orientá-los. Então, e só então, o seu mundo nos será mais compreensível, e faremos nossas as suas dificuldades, as suas dúvidas, as suas razões, os seus temores, as suas expectativas, as suas necessidades, para aprenderem a ouvir a si mesmos, aceitar a si mesmos, decidir sobre si mesmos, enfim, a não serem simplesmente contestadores ou reacionários, mas a agirem positivamente apostando nas coisas em que acreditam.

A radicalidade evangélica na missão apostólica tem sentido, acontece e é medida no desenvolvimento da caridade pastoral, como a de Dom Bosco: “Eu por vós estudo, por vós trabalho, por vós vivo, por vós estou disposto também a dar a vida”.²⁷ Essa radicalidade faria de nós disponíveis para ir a lugares para os quais a missão nos chama e nos quais não há todas as comodidades, oportunidades, o nosso círculo de pessoas queridas.

²⁷ DON RUFFINO, “Cronaca dell’Oratorio”. ASC 110. Quaderno 5, p. 10.

3.2. Expressão salesiana da radicalidade evangélica: trabalho e temperança

Coloquemo-nos, aqui, uma questão: se a vida consagrada é a alma da Igreja e representa uma reserva de humanidade e uma terapia para a sociedade, então, qual vida consagrada será necessária e significativa para o mundo de hoje? A resposta não pode ser senão a de *uma vida religiosa mística, profética, serva*, com radicalidade evangélica tanto pessoal quanto comunitária, uma vida, por isso mesmo, rica de humanidade e de espiritualidade, fonte de esperança para a humanidade. Também a nossa Congregação é chamada hoje a colocar-se nessa estrada e encontrar caminhos para exprimir, segundo a nossa identidade, o modo de cada salesiano ser místico, profético e servo e, conseqüentemente, cada comunidade também o seja.

A missão da vida consagrada tem um papel profético específico na Igreja e no mundo. Antes de tudo, gosto de dizer que a mesma consagração já é profecia, na medida em que testemunha o Absoluto de Deus e os valores evangélicos que, hoje mais do que nunca, nadam contra a corrente, numa sociedade marcada pelo secularismo, pela indiferença religiosa e pelo ateísmo prático. Os valores evangélicos são uma recusa profética dos ídolos que o mundo fabricou e propõe à adoração do homem. A vida consagrada é destinada, também, a sempre questionar as pessoas – os jovens de modo especial – que se fecham em horizontes meramente terrenos, com um imanentismo infecundo porque sem futuro.

Por isso, quando vivida em plenitude e em alegre ação de graças, a vida religiosa é profecia das realidades definitivas, do destino final de toda a criação, da história e do universo. Trata-se de uma profecia, hoje mais do que nunca, necessária, justamente porque a nossa época pós-moderna se caracteriza pelo ocaso das esperanças humanas e pela perda das utopias, condenando os homens ao inferno do pragmatismo, do eficientismo e da funcionalidade, sem fé, sem esperança, sem amor.

A vida consagrada é um sinal profético quando torna presente, visível e crível o *primado do amor de Deus* e o testemunha, com intenso sentimento de comunhão e fraternidade, num estilo de vida a serviço dos pobres e abandonados do mundo, que entristecem o panorama da sociedade e ocultam a presença amorosa de Deus. Estamos cientes

e convencidos de que “sem a fé, sem um olhar de amor, o mundo é demasiadamente mau para que Deus seja bom, para que exista um Deus bom”.²⁸

O primado do amor de Deus preserva o consagrado da tentação voluntarista e perfeccionista. Ele não se empenha porque *deve* alcançar a perfeição, entendida abstratamente, ou o pleno controle de si. O seu empenho e esforço cotidianos são a forma com que ele *responde* a um amor infinitamente maior do que os seus atos e seus esforços. Porque foi e continua a ser incondicionalmente amado, ele responde com generosidade. A radicalidade é, portanto, sempre expressão da sequela. O “vai, vende tudo” foi pronunciado no contexto de um encontro e de um diálogo aberto com um olhar de amor (“olhando-o com amor”) e encerrado com o convite à partilha e à companhia (“segue-me”) (cf. Mc 10,21).

O coração do projeto da nossa vida de consagrados não é de sermos perfeitos ou radicais, mas “sinais e portadores” de um amor que precedeu a nossa resposta, que nos fascinou e fundamenta o nosso “sim”, para sempre (cf. Const. 2). O teste mais seguro para discernir entre voluntarismo e sequela é a presença da alegria. Ela também permite avaliar a qualidade do trabalho e da temperança. A austeridade triste e o empenho no trabalho que cancela a serenidade do rosto e apaga o sorriso são os sintomas de que há algo a rever. Isso toca profundamente também o “rosto” da comunidade: a comunidade alegre é um sinal claro e evidente de “boa saúde” vocacional que a torna “atrativa” e acolhedora.

Trabalho e temperança

Como o CG27 está em estreita relação de continuidade com o CG26, creio que se possa exprimir a essa relação mediante um dos “ícones” salesianos mais ricos e mais conhecidos: o sonho do personagem dos dez diamantes. Esse sonho foi levado em consideração também pelo CG25, que aprofundou o tema da comunidade salesiana. O CG26 propondo depois o “partir de Dom Bosco para despertar o coração de cada salesiano com a identidade carismática e a paixão apostólica”, *contemplou* o manto do personagem principalmente em sua parte frontal, isto

²⁸ B. LONERGAN, *Metodo in teologia*. Salamanca, Sígueme, 1988, p.118.

é, no seu testemunho de Deus através dos três diamantes “de grandeza e esplendor extraordinário”: a fé, a esperança e a caridade pastoral. De fato, falando dos cinco núcleos temáticos do CG26, eu escrevia que na realidade se tratava de um “um único tema: o programa de vida espiritual e apostólica de Dom Bosco”,²⁹ que a vida teologal entende justamente favorecer e realizar.

Não podemos esquecer que o manto tem duas partes. Os três diamantes colocados no peito referem-se à mística salesiana, centrada no “*da mihi animas*”, isto é, na caridade pastoral acompanhada da vitalidade das demais virtudes teologais. Os cinco diamantes de trás constituem a ascética salesiana. Os dois diamantes do trabalho e da temperança, colocados bem visíveis nos ombros, sustentam o manto todo e “servem de fecho entre o aspecto místico e o ascético, traduzindo-os juntos na vida cotidiana”.³⁰

Na apresentação do sonho, padre Egidio Viganò escreveu: “Na mente de Dom Bosco, o conteúdo do sonho comporta certamente um importante quadro de referência para a nossa identidade vocacional. A escolha e a apresentação orgânica de determinadas características devem ser consideradas como uma autorizada carta de identidade do rosto salesiano; nelas encontramos um esboço qualificado da nossa fisionomia. Por isso, Dom Bosco nos diz que o cuidado com essas características garante o futuro da nossa vocação na Igreja, enquanto a sua negligência e descuido destruirá a sua existência”.³¹

O artigo 18 das Constituições, que tem justamente por título “Trabalho e temperança”, apresenta este binômio, “para nós inseparáveis”,³² como elemento essencial do espírito salesiano, “*a palavra de ordem e o distintivo do salesiano*”:³³ “as duas armas com que nós conseguiremos vencer tudo e todos”, escreveu Dom Bosco.³⁴

²⁹ CG26, “Apresentação”, p. 8.

³⁰ E. VIGANÒ, *Lettere circolari ai Salesiani*. Vol III. Direzione Generale Opere Don Bosco, Roma, 1996, p. 1464.

³¹ E. VIGANÒ, “Vigilate, con la cintura ai fianchi e le lampade accese!”. ACG 348. Roma, 1994, p. 25.

³² E. VIGANÒ, “Profilo del salesiano nel sogno del personaggio dei dieci diamanti”. ACG 300. Roma, 1981, p. 5.

³³ E. VIGANÒ, *Interioridad apostólica: reflexiones acerca de la gracia de unidad como fuente de la caridad pastoral*. CCS, Madri, 1990, p. 68.

³⁴ MB XII, p. 466.

Poder-se-ia dizer, ficando no tema do CG27, que ele representa o modo salesiano de entender e realizar a “radicalidade evangélica”, “em cuja concretude se encarnam, momento a momento, os ideais e o dinamismo da nossa fé, da nossa esperança e da nossa caridade”.³⁵ Dom Bosco não quis outra coisa senão fundar “uma Congregação de religiosos ‘de mangas arregaçadas’ e que fossem também ‘modelo de frugalidade’”.³⁶ De fato, o texto constitucional diz: “O trabalho e a temperança farão florescer a Congregação”;³⁷ “a busca das comodidades e do conforto será, ao contrário, a sua morte”.³⁸

“Para Dom Bosco, trabalho não é a simples ocupação do tempo em uma atividade qualquer, mesmo cansativa, mas a *dedicação à missão com todas as capacidades e a tempo pleno*”,³⁹ “é meio de santidade”.⁴⁰ “O salesiano entrega-se à sua missão com operosidade incansável, procurando fazer bem todas as coisas com simplicidade e medida. Sabe que com seu trabalho participa na ação criadora de Deus e coopera com Cristo na construção do Reino. A temperança reforça-lhe a guarda do coração e o domínio de si, e o ajuda a manter-se sereno. Não busca penitências extraordinárias, mas aceita as exigências diárias e as renúncias da vida apostólica: está pronto a suportar o calor e o frio, a sede e a fome, as fadigas e o desprezo, sempre que se trate da glória de Deus e da salvação das almas” (Const. 18).

O comentário feito sobre este artigo em *O Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco* diz que “o texto da Regra põe em evidência, antes de tudo, o papel que ‘trabalho e temperança’ têm na vida e na missão da Congregação. Para Dom Bosco, eles são um programa de vida (um ‘lema’ que se liga ao ‘*da mihi animas, cetera tolle*’) e uma garantia de futuro”.⁴¹

E continua: “Em nossa tradição, os dois elementos estão inseparavelmente unidos. No sonho dos dez diamantes, os dois diamantes

³⁵ DON BOSCO, “Lettera di don Bosco a Don Giuseppe Fagnano”, 14/11/1877. In: E. CERIA, *Epistolario*. Vol III. Turim, 1959, p. 236.

³⁶ E. VIGANÒ, “Don Bosco Santo”. ACG 310. Roma, 1983, p. 12.

³⁷ L. RICCERI, “Lavoro e temperanza” contro l’imborghesimento”. ACG 276, Roma, 1974, p. 8-9.

³⁸ MB XII, p. 466.

³⁹ Cf. MB XVII, p. 272.

⁴⁰ J. VECCHI, *Spiritualità salesiana: temi fondamentali*. LDC, Leumann, 2001, p. 101

⁴¹ L. RICCERI. *La preghiera*, in ACG 269. Roma, 1973, p. 45.

do trabalho e da temperança, colocados nos dois ombros, aparecem sustentando o manto do Personagem. Na fisionomia do salesiano e em sua vida apostólica trabalho e temperança não podem ser separados: eles têm uma função complementar de estímulo e de apoio. É a mesma realidade da vida que exige de um lado entusiasmo e, de outro, renúncia, de um lado empenho e, de outro, mortificação.

Observe-se que na visão salesiana ‘trabalho e temperança’ aparecem como realidades de sentido positivo. O trabalho induz a pessoa à ação, estimula a sua inventiva, leva-a a afirmação de si, e envia-a ao mundo; qualidades do trabalho salesiano são, por exemplo, a vivacidade, a espontaneidade, a generosidade, a iniciativa, a atualização constante e, naturalmente, a união com os irmãos e com Deus. A temperança, como virtude que leva ao domínio de si, é ‘eixo’ ao redor do qual rodam várias virtudes moderadoras: continência, humildade, mansidão, clemência, modéstia, sobriedade e abstinência, economia e simplicidade, austeridade; esse conjunto constitui uma atitude global de domínio sobre nós mesmos. Dessa forma, a temperança torna-se exercício para a aceitação de muitas exigências nem fáceis nem agradáveis do trabalho cotidiano... Para nós – escrevia padre Viganò –, ‘a medida da nossa temperança salesiana não é a soma das renúncias, mas é o crescimento na práxis da caridade pastoral e pedagógica’”.⁴²

Parece importante evidenciar ainda a relação entre trabalho e temperança. O trabalho também tem uma caracterização ascética; deve-se evitar o trabalho desordenado, que gera estresse no irmão; é preciso autodisciplina e capacidade de repouso. Como também, para evitar o risco do esforço voluntarista, a temperança situa-se num horizonte místico, ou seja, é caracterizada pela missão.

Buscando ligação entre o programa de vida de Dom Bosco “*da mihi animas, cetera tolle*” e o lema do salesiano “trabalho e temperança”, poderíamos dizer que o trabalho é a visibilidade da mística salesiana e a expressão da paixão pelas almas, enquanto a temperança é a visibilidade da ascética salesiana e a expressão do “*cetera tolle*”. Também nisso notamos uma continuidade entre o CG26 e o CG27.

⁴² Ibidem, citando E. VIGANÒ, *Un progetto evangelico di vita*. Turim, LDC, 1982, p. 118 ss.

Trabalho

É bem conhecida a grande estima de Dom Bosco pelo trabalho, a ponto de chegar a certo “escândalo”, nas palavras do padre Alberto Caviglia que, ao falar de Dom Bosco, dizia: “Eis o escândalo de um santo: ele diz muitas vezes ‘trabalhemos’ e nem tanto ‘rezemos’”.⁴³ São, de fato, muitíssimas as citações que encontramos sobre a sua exortação ao trabalho: “Vede, pois – disse ao falar às FMA de Alassio em 1887 –, quando eu vou às casas e ouço que há muito trabalho, vivo tranquilo. Onde há trabalho, não há o demônio”.⁴⁴ E outra vez: “Quem quer entrar na Congregação, precisa amar o trabalho... Não se deixa faltar nada do necessário, mas é preciso trabalhar... Ninguém entre nela com a esperança de estar aí de braços cruzados...”.⁴⁵ Por isso, ele pôde prometer aos seus salesianos “Pão, trabalho e paraíso” e arriscar-se a afirmar que “quando acontecer que um salesiano sucumba trabalhando pelas almas, então direis que a nossa Congregação conquistou um grande triunfo”.⁴⁶ Ele mesmo trabalhou tanto que morreu não de alguma doença, mas consumido pelo trabalho excessivo, segundo as palavras do médico que o tratou.⁴⁷ Bastem estas poucas citações para estarmos seguros de que o trabalho é o distintivo do salesiano, uma característica da nossa índole própria, que nos leva às nossas origens.

Por isso, para Dom Bosco, não há lugar na Congregação para aqueles que ele chamava de “vadios”, ou seja, os que não sabem tomar iniciativa, são preguiçosos e ociosos, não sabem trabalhar; esse, para nós salesianos, é um critério de discernimento vocacional.

Compreendamos que a insistência unilateral sobre o trabalho, confirmada por citações isoladas de Dom Bosco, poderia justificar comportamentos não infrequentes de irmãos excessivamente concentrados no “próprio” trabalho ou que fazem do trabalho, mesmo apostólico, o único horizonte da sua vida consagrada. Não é esse o pensamento de Dom Bosco. Ele associava o trabalho à “união com Deus”, e uma tradição ininterrupta desde as primeiras gerações salesianas cunhou a

⁴³ Cf. E. VIGANÒ, *Un progetto evangelico di vita*, o.c., p. 102.

⁴⁴ MB XIII, p. 116.

⁴⁵ MB XIII, p. 424.

⁴⁶ MB XVII, p. 273.

⁴⁷ Cf. MB XVIII, p. 500.

expressão do “trabalho santificado”.⁴⁸ O trabalho é “missão apostólica”. Ao se perder de vista quem é Aquele que envia e sustenta com a força do seu Espírito e qual é a finalidade da missão, arrisca-se a fazer do trabalho um “ídolo”. Nem todo trabalho, portanto, é trabalho apostólico.

O trabalho “autônomo” não é próprio de nós salesianos; ao contrário, somos chamados a “viver e trabalhar juntos” (Const. 49), sabendo bem que isso não quer dizer sempre trabalhar “ombro a ombro”, nos mesmos ambientes e ao mesmo tempo, mas segundo um projeto compartilhado comunitariamente, sustentado e estudado em comum, pois “em clima de fraterna amizade... partilhamos corresponsavelmente experiências e projetos apostólicos” (Const. 51). A comunidade local e a comunidade inspetorial são o horizonte no qual gastar generosamente as próprias forças.

Acrescentemos mais uma consideração, sobre o “profissionalismo” no trabalho, sobre o senso de responsabilidade que deve acompanhar todo trabalho, e ainda mais aquilo que chamamos de “apostolado”. A superficialidade, a improvisação, a repetição monótona do que não mais é adequado aos destinatários, a alergia à reflexão e à projeção não são sinais que indicam “paixão apostólica”, mas “preguiça”.

Compartilhar habitualmente a reflexão com os irmãos e leigos, individuar alguns objetivos possíveis, dedicar tempo à fase preparatória, fazer revisões escrupulosas e sinceras, melhorar à luz da experiência, confrontar-se com as orientações da Congregação e da Igreja local, ler os sinais dos tempos com sagacidade, utilizar os instrumentos que as ciências humanas nos oferecem, são apenas alguns dos indicadores da própria seriedade e honestidade do nosso trabalho.

A reflexão do padre Viganò sobre o tema ainda é válida e atual: “Vimos dos pobres, de uma cultura popular. E é um plano de Deus a fim de vivermos para os pobres, para o povo [...]. Estamos na aurora de uma nova cultura, estimulada pela civilização do trabalho; é a hora da técnica e da indústria, em que o trabalho ocupa lugar central. Pois bem, em nosso trabalho, queremos nos sentir ‘profetas’ e não simples ‘ascetas’. Precisamos falar do trabalho de modo profundo e amplo. Não se trata apenas de um moralismo de comportamento; deveria ser uma

⁴⁸ Cf. J. VECCHI, “Rezai assim: Pai nosso...”. ACG 374 (2001), p. 22ss.

profecia religiosa, em que também há um lugar não indiferente para a ascese, mas na qual também há todo um testemunho para a gente de hoje, evangelicamente útil ao mundo do trabalho”.⁴⁹ Justamente e como foi dito, Dom Bosco soube responder às necessidades educativas e sociais do seu tempo, com originalidade genial, educando *com o trabalho e para o trabalho*; ele fez do trabalho um instrumento educativo, mas também um modo e um conteúdo de vida.⁵⁰

Obviamente, interessa-nos refletir sobre o modo de a fé, a esperança e a caridade levarem o salesiano a ser, não só uma pessoa empenhada na transformação do mundo por meio do seu trabalho, mas também um grande trabalhador na Igreja. A partir desta perspectiva, o que identifica o salesiano não é um profissionalismo qualquer, mas a sua vocação de consagrado apóstolo; não admira, portanto, que se fale do “profissionalismo” do “trabalho do salesiano”; justamente por ser visto em relação com a missão, é um trabalho pedagógico, pastoral, educativo, qualificado e atualizado com a contribuição das ciências humanas e das disciplinas teológicas, e vivido segundo o estilo salesiano, “procurando fazer bem todas as coisas com simplicidade e medida”. “Este é o trabalho que acaba por modelar a fisionomia espiritual da pessoa”⁵¹ do salesiano.

O texto constitucional sublinha, realmente, que o salesiano coopera com o seu trabalho na ação criadora de Deus, tornando o mundo mais humano, e colabora também com Cristo na obra da Redenção. Desse modo, o salesiano identifica-se, não só com sua profissão, mas principalmente com sua vocação. Eis porque a “operosidade incansável”, de que fala o artigo 18, não significa nem agitação nem ativismo, mas trabalho apostólico pela salvação das almas e a própria santificação.

A espiritualidade e o empenho no trabalho caracterizam todo salesiano, seja o padre como o coadjutor; o trabalho é um aspecto da comum identidade carismática. Por outro lado, cada uma das duas formas da vocação consagrada salesiana tem o seu modo específico de viver o trabalho, com atenções prevalentes no campo ministerial ou laical sem, por isso, acentuar de modo exclusivo um ou outro campo.

⁴⁹ E. VIGANÒ, *Un progetto evangelico di vita*, o.c., p. 106s.

⁵⁰ Cf. P. BROCCARDO, *Don Bosco: profondamente uomo, profondamente santo*. LAS, Roma, 2001, p. 119-120.

⁵¹ J. VECCHI, *Spiritualità salesiana*, o.c., p. 102.

É por isso que todo salesiano, qualquer que for sua forma vocacional, não desdenha o trabalho manual com que cuida da casa, torna belo o ambiente educativo, educa os jovens nas atividades manuais.

Temperança

Ao comentar o sonho dos dez diamantes, padre Egídio Viganò deu uma interpretação muito profunda e atual da temperança: “Ela é concebida como guarda do coração; moderação das inclinações, instintos, paixões; preocupação com o que é racional; ruptura com a mundanidade, sem fugir para o deserto, mas permanecendo entre os homens, senhores do próprio coração: estar no mundo, sem ser do mundo. Tal temperança é uma atitude existencial de fundo, de domínio de si... Com razão, a tradição teológica fala da temperança como de uma ‘virtude cardeal’: eixo da rotação de várias e complementares atitudes de domínio de si. Eis, com efeito, as virtudes que giram ao redor do núcleo central da temperança: a *continência*, contra as tendências da luxúria; a *humildade*, contra as tendências da soberba...; a *mansidão*, contra as explosões da ira...; a *clemência*, contra algumas inclinações à crueldade e à vingança; a *modéstia*, contra a vaidade da exibição do corpo (a moda!); a *sobriedade* e a *abstinência*, contra os excessos nas bebidas e na comida; a *economia* e a *simplicidade*, contra a liberalidade do desperdício e do luxo; a *austeridade* no teor de vida (uma vida espartana), contra as tentações do comodismo”.⁵²

Trata-se, no fundo, da necessária *ascese cristã*, tão pouco apreciada na sociedade atual intensamente condicionada pelo hedonismo e o relativismo ético, em nome da liberdade absoluta, que recusa qualquer limite e que, em nome do espontaneísmo da natureza e das ideologias, tem-na como neurose alienante. A falta de ascese é consequência e expressão da recusa de Deus. O sentido, a justificação e a fecundidade da ascese cristã estão na fidelidade ao mistério da morte e ressurreição de Cristo.

Não se deve esquecer que o trabalho entre os mais pobres, o contato com aqueles que sofrem, a proximidade dos ambientes populares e a

⁵² E. VIGANÒ, *Un progetto evangelico di vita*, o.c., p. 119s. É interessante a aplicação da temperança, além de ao trabalho, também à vida fraterna, ao estilo de vida pessoal, à oração e à contemplação, que se encontra em J. Vecchi, *Spiritualità ...*, o.c., p. 105-106.

participação de “alegrias e esperança, tristezas e angústia”⁵³ de tantos homens e mulheres que lutam para viver, são um impulso poderoso a recusar toda forma de lassidão e aburguesamento em cada um de nós e nas nossas comunidades e, portanto, a viver em sobriedade, essencialidade e temperança. Os pobres podem ser nossos autênticos “formadores”, pois nos pedem para sermos todos os dias fiéis à promessa que fizemos de dar a nossa vida inteira por eles.

É verdade que a ascese “deve ser relativa à antropologia cultural do tempo em que se vive. E hoje a temperança deve levar em conta o conceito mais profundo do homem, das descobertas adquiridas pelas ciências antropológicas (especialmente pela psicologia), das características da nossa realidade somática, do valor profundo da sexualidade, do processo de personalização, da situação de pluralismo, da importância da dimensão comunitária, das exigências da socialização”.⁵⁴

Uma ascese cristã, portanto, que considere a integração harmoniosa entre alma e corpo, abra a pessoa ao amor oblato e seja capaz de enfrentar cristãmente as alienações que a vida moderna implica: o stress, a monotonia do trabalho, a superficialidade das relações. É preciso uma ascese do silêncio nesta civilização do barulho, com a finalidade de não se perder no acúmulo de significados; uma ascese que saiba disciplinar os meios de comunicação social, o sono, o divertimento, a alimentação, os sentidos etc. A fecundidade da ascese não é medida pelo sofrimento das renúncias ou pela intensidade do esforço, mas pelo seu progresso na caridade e pela sua eficácia evangélica. Como os ascetas de todos os tempos, Dom Bosco sublinhou o nexó indissolúvel entre mortificação corporal e oração: “Quem não mortifica o corpo não é capaz de rezar!”. A temperança é indispensável à santidade, porque gera a liberdade do espírito que torna disponível para o amor até o extremo.

A reflexão sobre a ascese de Dom Bosco, para lá das contingências que a caracterizaram, tem muito a nos dizer hoje. Dom Bosco foi um santo educador que amou profundamente e soube fazer-se amar ao praticar a temperança em grau heroico. Aquilo que Dom Bosco pediu ao padre Rua, enviando-o como jovem diretor a Mirabello, “procura

⁵³ CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 1.

⁵⁴ E. VIGANÒ, *Un progetto evangelico di vita*, o.c., p.125s.

fazer-te amar”, só é possível com uma ascese intensa que nasce da prática da temperança.⁵⁵ Para Dom Bosco, ela está sempre em função da mística do “*da mihi animas*”, porque é uma disciplina de educação ao dom de si mesmo no amor: “Senhor, faz-me salvar a juventude com o dom da temperança!”. Por isso, a temperança salesiana deve ser alegre, cotidiana, gentil, simples, inteligente, heroica, simpática e visível no rosto sereno, radiante, alegre do salesiano.

3.3. Condições para concretizar o tema

Para poder concretizar facilmente o tema e realizar o objetivo do CG27, é preciso garantir algumas condições, dando início a alguns processos, favorecendo a conversão da mentalidade, realizando a mudança de algumas estruturas.

Processos a iniciar

O CG27 propõe-se como objetivo ajudar cada irmão e comunidade a viver o projeto apostólico de Dom Bosco em fidelidade, ou seja, continuar a reforçar nossa identidade carismática.

Isso nos permitirá fazer nossa vocação consagrada salesiana visível, crível e fecunda; e nos tornará capazes, sobretudo, de propor convictamente aos jovens a vida salesiana como projeto de vida que vale a pena assumir, dando assim fecundidade vocacional à nossa presença.

Surgem desses objetivos alguns processos a privilegiar, que são como as estradas fundamentais a percorrer a fim de facilitar a conquista dos objetivos.

O primeiro processo refere-se ao modo de viver hoje a nossa *vocação consagrada salesiana* na graça de unidade e na alegria, como testemunho de radicalidade evangélica e de nossa expressão típica do trabalho e da temperança.

O segundo processo refere-se ao *conhecimento de Dom Bosco*, que é preciso aprofundar continuamente, fazendo dele o motivo inspirador da nossa vida espiritual e ação pastoral, tanto pessoal como comunitariamente.

⁵⁵ Cf. E. VIGANÒ, *Commento alla Strenna: “Studia di farti amare”*, Roma, 1984.

O terceiro processo refere-se à *referência vital, pessoal e comunitária, às Constituições*, que é o projeto apostólico de Dom Bosco e constitui nossa identidade carismática, a ser vivida em fidelidade e alegria vocacionais.

Mentalidade a converter

Retomam-se aqui as atitudes já descritas nos desafios institucionais e pessoais, que devem ser mudados, tanto na vivência da vocação como na realização da missão.

Deve-se, primeiramente, dar atenção cuidadosa à *cultura e às culturas* a fim de criar uma mentalidade comum que saiba colher as oportunidades oferecidas pelos desafios culturais, em particular quanto à pós-modernidade, à inculturação e à interculturalidade, à secularização.

Também se devem aprofundar os *desafios eclesiais*, a fim de que sejam encontrados os caminhos para responder às exigências da nova evangelização, à renovação da vida consagrada, à superação do relativismo.

Cuide-se ainda do desenvolvimento da *cultura da Congregação*, particularmente em relação às exigências formativas do discernimento vocacional sério e do acompanhamento pessoal eficaz; à partilha de critérios compartilhados sobre nossa ação pastoral; à formação de líderes de irmãos, jovens e leigos.

Enfim, deve-se converter a mentalidade em *nível pessoal*, para favorecer a superação das formas e dos estilos de individualismo, o aprofundamento da identidade da vida consagrada, a aquisição de uma maturidade afetiva, sexual e emocional.

Estruturas a mudar

Há ainda algumas estruturas a mudar, que se referem ao nosso modo de viver e nos organizar, em vista da realização do objetivo fundamental do CG27, ou seja, para podermos viver real e plenamente o projeto apostólico de Dom Bosco.

Antes de tudo, devem ser mudados o estilo e a organização da *vida da comunidade*; ela deve ser reforçada, garantindo sua consistência quantitativa e qualitativa, a relação equilibrada entre comunidade e obra,

a simplificação da complexidade das obras, a redefinição dos papéis, o redesenho das presenças.

Também deve ser mudado o modo de presença e exercício do *serviço do diretor* da comunidade; garanta-se a qualidade dos diretores, favorecendo a preparação para a liderança aos irmãos ainda na formação inicial; habilitando os diretores para cumprirem a tarefa do acompanhamento; ajudando-os a animar e motivar a comunidade religiosa e a comunidade educativo-pastoral; garantindo-lhes a ajuda necessária para poderem realizar suas tarefas fundamentais.

Seja mudado, enfim, o modo de gestão dos *recursos das pessoas*; reforce-se o envolvimento e a valorização carismática dos recursos, buscando forças novas, aumentando o sentido de Família Salesiana, favorecendo a corresponsabilidade dos leigos, garantindo o desenvolvimento carismático da presença no território.

4. CONCLUSÃO

Caríssimos irmãos, conluo esta carta de convocação do CG27 convidando a todos vocês, como também as comunidades e inspetorias, a promoverem, desde agora, as atitudes e o ambiente que traduzem concretamente “o trabalho e a temperança”. Poderemos ser então as “testemunhas da radicalidade evangélica” que a Igreja, a sociedade e os jovens esperam, e retornar à essencialidade do Evangelho, tão amada e querida por Dom Bosco.

Esta é a resposta crível a dar a quem espera – como o noviço que me escreveu meses atrás – que a nossa vida cotidiana não seja um obstáculo real para Jesus ter jovens discípulos e apóstolos, dispostos a serem testemunhas alegres e críveis da radicalidade evangélica. São jovens vindos às nossas comunidades, convictos e entusiastas da própria vocação que, contudo, às vezes, se veem com uma experiência diferente de vida religiosa, que não coincide com aquela que lhes é oferecida na animação vocacional e na formação inicial.

Alguém poderia justificar-se dizendo que, às vezes, esses jovens cultivam uma imagem ideal de vida consagrada, uma vida que não existe na realidade. Em todo caso, quando ouvem as palavras *pobre, casto e obediente* ou o apelo para assumirem “*o modo de ser e agir de Jesus*”

obediente, pobre e casto”, esperariam encontrar uma sequele fiel e uma imitação generosa de Jesus, como fizeram tantos homens e mulheres desde os tempos da Igreja primitiva que, cativados pela pessoa do Senhor, deixavam tudo e todos para serem seus discípulos e testemunhas.

A este ponto é normal que surja a pergunta: “Mas é possível viver como Cristo?”. A pergunta não é certamente retórica. Ela surge da imagem de vida consagrada que projetamos através do nosso estilo de vida (comida, bebida, roupas, emprego do tempo etc.), da nossa experiência de oração, da nossa relação interpessoal na comunidade, da nossa dedicação e profissionalismo na realização da missão. Há irmãos e comunidades que vivem com grande alegria, generosidade, fidelidade e radicalidade, e outros que, ao contrário, organizam uma vida de bem-estar, individualista, desinteressada dos outros, dos jovens, dos pobres.

É evidente que, justamente porque a vida é o dom mais precioso que temos, renegar a nós mesmos, renunciar a ter uma mulher, filhos, uma casa, organizar a existência ao redor de um projeto pessoal, e entregar tudo isso a Cristo na Congregação pelos jovens pobres e abandonados, só vale a pena quando se leva a sério o compromisso de reproduzir fielmente em nós a sua imagem, a sermos suas testemunhas. Não podemos reduzir a Congregação a uma instituição de serviços sociais ou pastorais. Nós formamos uma família, nascida não da carne ou do sangue, mas gerada pelo Espírito que nos convoca e nos reúne em comunidades de discípulos e apóstolos de Cristo para os jovens, nos passos de Dom Bosco.

Hoje como ontem Deus nos chama à santidade na vida salesiana. E isso será possível se vivermos como Cristo, como viveu o nosso amado Fundador e Pai, com imensa alegria, simpatia, um rosto radiante, mas com uma grande radicalidade evangélica, expressa no binômio “trabalho e temperança”.

Aproximamos-nos do Bicentenário do seu nascimento e devemos chegar a ele tendo recuperado o entusiasmo e o orgulho de ser Salesianos, a ponto de poder propor aos jovens de hoje, com honestidade, a beleza da nossa vocação.

A Maria, Imaculada Auxiliadora, entrego este CG27 e, sobretudo, todos e cada um de vocês, caros irmãos, que amo com o coração de Cristo Jesus.

5. ORAÇÃO A SÃO JOÃO BOSCO

Levando em conta que o CG27 é ponto de chegada do tempo de preparação ao Bicentenário do nascimento do nosso amado Fundador e Pai e, ao mesmo tempo, ponto de partida para um novo período da história da Congregação, peço-lhes que usem a oração a Dom Bosco que já lhes propusera para o triênio 2012-2015. Ela é a oração da tarde, que corresponde à oração de entrega a Maria Auxiliadora pela manhã.

*São João Bosco,
Pai e Mestre da juventude,
dócil aos dons do Espírito
e aberto às realidades do teu tempo
foste para os jovens, sobretudo humildes e pobres,
um sinal do amor e da predileção de Deus.*

*Sê nosso guia
no caminho de amizade com o Senhor Jesus,
para podermos perceber n'Ele e no seu Evangelho
o sentido da nossa vida
e a fonte da verdadeira felicidade.*

*Ajuda-nos a corresponder com generosidade
à vocação que recebemos de Deus,
para sermos na vida cotidiana
construtores de comunhão,
e, em comunhão com a Igreja inteira,
colaborarmos com entusiasmo,
na edificação da civilização do amor.*

*Obtém-nos a graça da perseverança
na vivência da vida cristã em grau elevado,
segundo o espírito das bem-aventuranças;
e faze com que, guiados por Maria Auxiliadora,
possamos encontrar-nos um dia contigo
na grande família do céu. Amém.*

Pascual Chávez V.

P. Pascual Chávez V., SDB
Reitor-Mor